Máximas Espirituais

João de Saint-Samson

João de Saint-Samson

Religioso Carmelita

(1571-1636)

Máximas Espirituais

Tradução: Souza Campos, E. L. de

VALDEMAR TEODORO EDITOR

Niterói – Rio de Janeiro – Brasil

2024

Créditos

Título original: *Maximes spirituelles*.

Autor : Jean de Saint-Samson (1571-1636).

Tradutor: Souza Campos, E. L. de

Máximas espirituais

João de Saint-Samson

CAPÍTULO 01

A fé.

01

É um corpo sem alma a fé sem amor.

***

02

Deus está tão pequeno na maior parte das pessoas que é como se ele estivesse aniquilado. A fé delas é tão fraca que só existem nelas alguns vestígios dela e lhes dizer que elas precisam ter uma alta estima por Deus é falar com surdos e querer animar pedras.

***

03

A fé adquirida pelo estudo não passa de um colosso animado com muito pouca vida e com dificuldade se pode

dizer se ele está vivo ou morto. Uma fé assim é mais ciência do que fé.

***

04

A ciência, muito frequentemente, serve mais para arruinar do que para aguçar a fé. Sem uma cola, veríamos os eruditos serem amorosos com Deus, caridosos, recolhidos e ordenados neles mesmos.

***

05

A fé só é infundida no batismo para que a tornemos saborosa, através de um amor pio e contínuo.

***

06

Não sabemos quem de nós está reprovado ou predestinado. O que eu sei muito bem é que merecemos, com nossas infidelidades, sermos abandonados por Deus em nossa vida e no momento da morte. No entanto, num assunto tão sério, é preciso nos apegarmos fortemente à

bondade de Deus e nos confiarmos a três âncoras, que são a fé, a esperança e a caridade.

***

07

O ponto mais puro e mais essencial do nosso amor central consiste em aderimos a Deus com uma fé bem simples, bem nua e bem amorosa.

***

08

A fé iluminada pela doutrina exterior faz saborear grandes coisas de Deus, mesmo as pessoas de uma devoção comum. Mas elas não rompem os limites desta luz e permanecem nas práticas de uma vida totalmente comum.

***

09

A fé saborosa ilumina o amor e o amor consolida a fé. Aqueles que têm esta fé saborosa gozam, desde esta vida, de certo grau da felicidade eterna.

***

10

Aquele que recebeu de Deus a fé saborosa, amorosa e luminosa, como um precioso penhor do seu amor, ouve e vê, à luz desta fé, tudo o que Deus revelou dele e de suas infinitas perfeições e sua alma sente que seu conhecimento ultrapassa incomparavelmente toda doutrina do mundo.

***

11

Nos perfeitos, a fé é quase a mesma coisa que o amor, embora eles saibam bem fazer a distinção, que é necessária, entre eles.

***

12

Os perfeitos contemplativos dificilmente conhecerão melhor na glória, por assim dizer, os temas da fé que eles conhecem neste mundo, já que o objeto simples deles e o gozo que eles têm são uma só coisa, acima da fé e acima de toda ciência.

CAPÍTULO 02

A caridade para com Deus.

01

A miséria das misérias humanas é ignorar Deus, não senti-lo, não desejá-lo e nem desfrutá-lo.

***

02

Os meios que Deus emprega para nos comunicar seus dons são inumeráveis, para nos domar com suas gentilezas e nos apegar a ele.

***

03

Não há nada de mais doce e de mais agradável à pessoa capaz de amar do que se ver amada por Deus, que é de uma nobreza, de uma excelência e de um amor infinitos.

***

04

O lugar, o hábito, a profissão, as confissões, as regras os estatutos não fazem o religioso; é a excelente caridade e a profunda humildade. Toto o resto não passa de um excelente meio estabelecido para isto.

***

05

Devemos viver com a visão e o sentimento do infinito abismo do amor de Jesus Cristo, lhe retribuindo amor com amor, dor com dor, pobreza com pobreza, vida com vida, tudo por tudo, embora, de sua parte, tudo seja infinito e, da nossa, nada.

***

06

A verdadeira caridade não busca o mandamento e nem a obrigação expressa para fazer bem.

***

07

Se o amor ardente não está em nós, o espírito e a luz de Deus não estarão também e não será de se admirar se

nos virmos perdidos em nosso próprio espírito, não tendo desejado nos perder, de forma feliz, no espírito de Deus.

***

08

O que nos deve estimular a amar infinitamente é que somos as projeções do amor infinito de Deus, que nos criou para que desfrutássemos plenamente dele.

***

09

O amor e o desejo das almas santas são sempre maiores do que o poder delas, por causa da grandeza e da beleza infinitas do divino objeto delas.

***

10

A alma tocada pelo amor é profundamente humilde e quer ser verdadeiramente desprezada.

***

11

A verdadeira caridade não se cansa jamais por qualquer acidente que seja. O amor sensorial racionaliza para

amar, mas o amor nu, simples e abstraído do sentido faz e suporta sempre coisas grandes ou, melhor dizendo, todas as coisas.

***

12

Os religiosos chamados ao perfeito amor de Deus devem fluir nele continuamente através de um amor vivo e ardente, ultrapassando eles mesmos e todas as imagens sensoriais, para que, sem impedimento e em quietude de espírito, desfrutem do seu Soberano Bem.

***

13

Infeliz é aquele que, podendo amar Deus com um amor perfeito, só o ama com amor comum a todos os cristãos.

***

14

A verdadeira caridade não se mede pelas operações dos sentidos, mas pelas verdadeiras operações do espírito.

***

15

Aquele que se mostra derrotado nas dificuldades e nas práticas penosas prova, evidentemente, que só tem amor nas palavras e nos desejos e não no coração e nas ações.

***

16

Nós não temos obras de supererrogação no interior, já que nos devemos inteiramente a Deus, tanto por causa dele mesmo quanto por suas infinitas benesses.

***

17

O verdadeiro e forte amor a Deus faz nas pessoas um espírito simples, um apetite simples e estendido, um inteiro recolhimento de todas as forças, tanto altas quanto baixas, de sorte que elas parecem ser uma mesma coisa com relação ao Soberano Bem.

***

18

Torna-se espírito e divino por tanto amar, sofrer e morrer. Amar, eu digo, seja com o amor, seja acima do amor e então só se pode ser julgado, em seu caminho, pelo seu semelhante[1].

***

19

O verdadeiro amor é como o ouro, que não se conhece pela cor, mas pelo toque.

***

20

O amor puro se conhece na fraqueza e na cruz eterna. Isto é logo dito a uma pessoa que não é amorosa e que vê como uma felicidade não sofrer e não ser jamais contrariada e nem exercitada contra si mesma, bem longe de ser lânguida e ainda mais de morrer de amor.

***

[1] Cf. Romanos 8: 33 e 34. *Quem poderia acusar os escolhidos de Deus? É Deus quem os justifica. Quem os condenará?*

21

O amor puro não é conhecido de forma alguma por si mesmo, mas somente pelas raras virtudes. Nós só sabemos se nosso amor é verdadeiro ou falso por este meio.

***

22

O puro, perfeito e essencial amor consiste no sofrimento voluntário, na prática das virtudes, na humildade, no desprezo e na abjeção profunda por si mesmo, na morte e na pobreza eterna do espírito.

***

23

O amor não recua jamais. Ele não diz jamais: “Basta!” Ele se envergonha ao ouvir o termo “dificuldade”. Ele ama acima do tempo e acima do sentido e seu efeito se conhece nos sofrimentos amorosos.

***

24

As profundezas da alma não são penetradas pelo amor se ele não tiver ultrapassado inteiramente as virtu-

des e elas não sejam de tal forma suas servas que ele possa fazer o que bem quiser na ordem do seu arbítrio.

***

25

A alma que não busca a ela mesma, mas somente o puro amor é, no mundo, maior do que o mundo. Para se assemelhar ao seu querido Esposo, ela sofre acima da natureza, acima do gosto e acima da doçura, detida de maneira estável em Deus, onde a sensorialidade não pode penetrar.

***

26

O verdadeiro amoroso age sempre em Deus, quando ele está presente e sofre de bom coração, quando ele está ausente. Não há outra eleição ou desejo além de se entregar ao martírio do amor e é isto o mais alto ponto das práticas do amor nesta vida.

CAPÍTULO 03

O pecado.

01

Somente o pensamento de que ele pode pecar é horrível ao pobre exilado.

***

02

Toda alma tocada por Deus no fundo dela mesma sente e acredita que é maior pecadora do que todas as pessoas juntas.

***

03

A boa intenção em todas as coisas não basta, se nossas maneiras de agirmos não são perfeitas em todos os pontos entre Deus e nós e entre nós e as criaturas.

***

04

Se Deus castiga tão severamente os santos nesta vida, mesmo para os carrascos infernais é preciso dizer e concluir que os pecadores estão perdidos.

***

05

Deus não suportaria o pecado em seus eleitos sem castigá-lo e destruí-lo como uma consequência de sua presente justiça.

***

06

Muitos, de tanto aderir aos seus prazeres e de converter os pecados veniais em seus próprios prazeres e delícias não conhecem neles mesmos seus caminhos e seus traços, a não ser quando eles lhes parecem pecados mortais. Então, eles recorrem aos livros, para torná-los veniais, se puderem e cometê-los, dali por diante, sem escrúpulos. Estas pessoas são monstros abomináveis perante deus. Jamais o amor as reformará, mas somente os flagelos, as doenças e os tormentos atrozes que eles sofrerão ou verão sofrer, através das pessoas ou dos demônios.

***

07

Devem ser considerados, nos pecados, não apenas sua matéria, mas também a graça e a luz de cada um.

***

08

Desde que se assumiu a tarefa de correr corajosamente e com todas as suas forças para a perfeição, todo o tempo que se emprega conscientemente e com propósito deliberado a outro objetivo é pecado com relação ao que Deus ordena a tais pessoas e deve ser tido como tal por seus confessores.

***

09

Os religiosos dificilmente cometem pecados por ignorância.

***

10

A alma docemente movida pelo Espírito Santo o tem por testemunha de todas as suas ações e quando ela julga ter ou não ter pecado, deve-se supor que isto é verdadeiro, pois Deus é nela amor e luz e, assim como ele a santifica, ele a ilumina sobre todas as coisas.

***

11

Tudo o que faz ou diz um religioso sem pensar é, no mínimo, uma ação ou palavras ociosas.

***

12

Dificilmente se encontra alguém que, no tempo da tentação, tenha sempre o apetite igualmente desejoso por Deus e, por consequência, que seja, por isto, isento de algum tipo de pecado.

***

13

Muito pouca atenção a Deus faz, à alma, alguma ferida leve, mas a negligência a fere muito mais.

***

14

É muito difícil impor uma lei para os pecados àqueles que se voltam para Deus com um amor contínuo, ardente, vigoroso, porque o coração deles, sendo como uma fornalha de amor, as faltas deles são logo consumidas

nele assim que elas aparecem, como está escrito: *O amor cobre a multidão de pecados*[2].

***

15

A inteira perfeição de uma alma realmente iluminada consiste em ver sua ordem e sua desordem.

CAPÍTULO 04

A caridade para com o próximo.

01

A verdadeira e forte caridade não busca o mandamento e nem a obrigação para assistir o próximo, mas somente a oportunidade de fazê-lo.

***

02

A caridade das pessoas comuns é tão pequena que é muito facilmente derrotada em um trabalho penoso. Es-

[2] 1 Pedro 4: 8 e Provérbios 10: 12 (*O amor cobre todas as faltas*). Cf. Santo Agostinho. *Primeira Epístola de São João*, Conferência 07, Cap. 08: *De uma vez por todas lhe é imposto um preceito fácil: ame e faça o que bem quiser*.

pecialmente se ele é um pouco longo e se trata do socorro ao próximo.

***

03

Oh, como é pequeno o número daqueles que querem negligenciar sua própria vida e sua própria alma, segundo o bem-estar perceptível, para o bem-estar total e perceptível do próximo!

***

04

Quando se vê alguém sofrer, não se deve se contentar em ter compaixão interior por ele, mas é preciso também demonstrá-lo exteriormente e se estimular a isto. Discretamente, no entanto e sem afetação e, quanto mais a pessoa aflita é imperfeita, mais isto deve ser feito com relação a ela.

***

05

É preciso ser santo não apenas em si mesmo, mas em suas ações, para o exemplo do próximo, que, não ven-

do nossas profundezas, só pode julgá-la através de nossas ações.

***

06

Aqueles que são sem força e sem fidelidade para morrer generosamente em nudez de espírito para as influências de Deus imaginam algumas vezes que Deus quer se servir deles e lhes inspira ir reformar os outros. Isto não passa de tolice, vaidade, busca própria e complacência da natureza, que, cansada da nudez, busca os meios de viver e não de morrer.

***

07

Toda pessoa deve dar mais valor à perfeição segundo Deus do que à dos outros em detrimento da sua própria.

***

08

A caridade aparece não apenas quando se vê alguém resignado em toda situação em que se tem que sofrer,

mas também quando se vê um comportamento amoroso em uma ação para o bem e a necessidade dos seus irmãos.

CAPÍTULO 05

A vocação religiosa.

01

A vocação sobrenatural consiste em um desejo racional de ser religioso que estimula incessantemente o coração e embora não se possa ter descanso que não seja na posse da coisa desejada ou na segurança de possuí-la, não importa, o movimento é da graça. A mais evidente marca disto é este desejo e a firme estabilidade em buscar sua execução, embora a vocação não seja menos verdadeira, ainda que se relaxe algumas vezes na busca deste desejo.

***

02

Se desistimos depois de termos entrado na vida religiosa, isto é sinal de ingratidão e não de ausência de vocação.

***

03

As tentações que surgem após as primeiras inspirações não provam que a vocação não seja boa. É que Deus, tendo cumprido sua função de se antecipar à alma amorosa e gratuitamente, esta, por sua vez, deve começar a cumprir a dela, iniciando generosamente a prática do ódio a ela mesma.

***

04

Cada religioso deve saber ao que sua profissão o obriga, pois, *a quem muito se deu, muito se exigirá*[3].

***

[3] Lucas 12: 48.

05

Não se poderia deplorar o suficiente ao ver um religioso se divertir com os prazeres das criaturas, enquanto que ele foi chamado para a vida religiosa para desfrutar de Deus em suprema liberdade e no contínuo exercício do espírito.

***

06

Ah, se os seculares conhecessem e desfrutassem da nossa felicidade! Como eles se considerariam desprestigiados! Como eles nos achariam mais felizes do que eles!

***

07

A bênção da vocação religiosa contém todas as outras eminentemente, de uma elevada e admirável maneira. A desgraça é que ser considerado ingrato para com a sua divina majestade não nos causa nenhuma preocupação.

***

08

Somos chamados e escolhidos por Deus para lhe sacrificarmos toda nossa vida em um contínuo combate contra nós e contra nossas inclinações.

***

09

A ordem religiosa é, sem nenhuma dúvida, um verdadeiro martírio e o perfeito purgatório do religioso, se ele se dedica às coisas divinas em uma perfeita reforma dele mesmo e se ele leva uma vida continuamente abstraída.

***

10

A ordem religiosa é o seminário dos perfeitos e aqueles que nela são imperfeitos voluntariamente estão nela de corpo e não de espírito.

***

11

A ordem religiosa que não teme admitir noviços com uma má natureza, que são escravos de suas paixões e

que se só se adaptam à força de humilhações exteriores se verá logo reduzida ao ponto de sua ruína.

***

12

Deus instituiu a ordem religiosa não apenas para nos salvar, mas para nos santificar e nos fazer desfrutar dele de uma maneira mais elevada do que se vê nos comuns dos eleitos.

***

13

É uma grande pena que certos religiosos que deveriam ser árvores de vida só produzam frutos de morte, para eles e para os outros.

***

14

Somos chamados para a vida religiosa não para nos buscarmos e vivermos segundo nossa natureza, mas para colocarmos todo nosso prazer em seguir Deus generosamente, imitando os santos e se faltarmos a isto, nossos

inimigos domésticos se levantarão contra nós e talvez sejamos presas deles.

***

15

Creio que ficaremos mais profundamente confusos e humilhados por não termos nos dedicado à perfeição do espírito na vida religiosa do que por todos os pecados da nossa vida passada no mundo.

***

16

O religioso que é verdadeiramente tocado por Deus sobre a excelência da sua vocação vive sempre recolhido no interior dele mesmo e coloca sua felicidade em combater sua natureza até a morte, com um coração muito corajoso e um espírito alegre.

CAPÍTULO 06

A pobreza.

01

Todos querem ser tidos em boa estima, enquanto que o Homem-Deus é tido por insensato, por amigo da boa comida e por ser possuído pelo demônio. Ó tolice das tolices, pretender o paraíso de Deus sem querer imitar este Deus em seus sofrimentos, em sua pobreza em espírito e em suas outras virtudes!

***

02

Todo aquele que se recusar a seguir Jesus Cristo pobre não o possuirá jamais na abundância de suas graças e de suas virtudes nesta vida e nem de sua glória na outra.

***

03

Não ter nada e não ser nada é ser pleno de Deus.

***

04

Não ter nada e não querer nada é abundar muito em bens e em riquezas. É estar elevado sobre tudo o que é e, consequentemente, só ver as criaturas de longe.

***

05

As almas amorosas deixam todos os seus bens para seguirem o amor em um completo despojamento de todas as coisas.

***

06

Ter deixado os bens temporais no mundo é apenas a entrada para a verdadeira pobreza de Nosso Senhor, que consiste em se privar, de bom coração, até mesmo das coisas necessárias à vida e a suportar a privação delas na quietude do espírito. Quem se cansa desta prática não é realmente pobre.

***

07

Só se é realmente religioso com uma contínua prática da pobreza em espírito, que consiste em um contínuo esquecimento de si mesmo e das criaturas, como se elas não existissem, querendo ser privado da estima dos seus e mesmo, se for o caso, ser tido por insensato e sufocar

todo raciocínio sobre a ordem ou a desordem das criaturas.

***

08

Eu me glorificarei e me deleitarei em minha pobreza, já que é meu caro Esposo que possui minhas riquezas em seus santos. A eles, as riquezas, a glória e a alegria. A mim, toda miséria, todo langor e toda pobreza.

CAPÍTULO 07

A castidade.

01

Não se poderia imaginar o quanto os anjos amam as pessoas verdadeiramente castas. Eles as tomam tão expressamente sob a proteção deles que os demônios só podem lhes prejudicar muito dificilmente e de muito longe.

***

02

Aqueles que se glorificam por sua virgindade e por sua castidade sem se preocuparem em cultivar incessantemente sua alma são como certos animais que são naturalmente castos e, no entanto, permanecem sempre animais.

***

03

O vício da concupiscência, que rebaixa a pessoa ao nível dos animais, é o perpétuo carrasco dos orgulhosos.

***

04

A vida das almas puras é um verdadeiro martírio, pois, para praticar a castidade, é preciso muitas vezes suportar violentos combates.

***

05

O religioso não pode ser verdadeiramente casto em seu corpo se não for previamente puro de coração e de espírito, vivendo em uma contínua união com Deus e se

mantendo incessantemente em guarda contra seus sentidos e contra as criaturas.

***

06

Para ter a castidade, que é um dom de Deus, é preciso se converter verdadeira e continuamente a ele, com todo seu coração, banir de si todos os fúteis prazeres, mesmo os lícitos e não inconvenientes, fugir da familiaridade das criaturas e viver solitário, de corpo e alma, o quanto se puder. Enfim, é preciso considerar como a única coisa preciosa neste mundo a posse da paz, que, ultrapassando todos os sentidos e toda compreensão, guardará nossos corações e nossos intelectos na divina caridade de Jesus Cristo.

CAPÍTULO 08

A obediência.

01

O caminho da obediência é tão curto e tão seguro que, se perseverarmos nela até o fim, poderemos dizer

que chegamos como que dormindo e sem esforço na porta da felicidade desejada.

***

02

É infinitamente mais seguro obedecer do que mandar.

***

03

Não há nada mais fácil de enganar sobre os fatos dos seus caminhos do que a pessoa que conduz a ela mesma e nem nada mais seguro do que a pessoa submissa a Deus e ao seu superior e é algo extremamente deplorável que a obediência verdadeira do coração e do afeto seja tão raramente encontrada

***

04

A desobediência é filha do orgulho, assim como a obediência é filha da humildade.

***

05

Todo aquele que ama Deus o honra em seus superiores.

***

06

A vida religiosa, porque nela jamais se faz sua vontade, é um inferno para o desobediente.

***

07

Os bons religiosos são mansos e tratáveis como pacíficos cordeiros, obedecendo a seus superiores como a Deus.

***

08

A obediência de Jesus Cristo deve ser, para o religioso, um motivo tão vivo e tão contínuo para obedecer com toda humildade, que ele não deixa jamais sua razão refletir sobre as ordens dos seus superiores.

***

09

Quanto mais a coisa é pequena em matéria de obrigação e de obediência, mais é preciso se apegar a ela por escolha racional.

***

10

É preciso obedecer simplesmente quando nos ordenam deixar nossas austeridades e outras ações virtuosas, pois devemos mais desejar sermos santos e verdadeiros em nossas profundezas do que em nossas obras e nos contentarmos em ser tal como Deus quer, sem nos preocuparmos com o que faremos ou não faremos.

***

11

Ó Deus! O tempo de obedecer não existe mais! Ele fluiu com a vida dos antigos monges, dos anacoretas e dos nossos primeiros Padres! Quase não há mais ninguém que queira praticar eternamente esta virtude digna de uma honra infinita.

***

12

Os outros fazem sempre a vontade daquele que deixa sua vontade para fazer a dos outros e jamais lhe ordenam nada que ele não faça tão alegremente quanto se isto viesse de sua vontade própria.

***

13

Não devemos negligenciar nos fazermos humildes diante das pessoas, pois Jesus Cristo fez isto por nós e todo aquele que não é tocado por esta ideia deve pedir em altos brados a misericórdia de Deus.

***

14

A humilde regularidade é a vida do religioso. Ele deve preferi-la a toda ocupação que não lhe seja expressamente ordenada, evitando cuidadosamente toda dispensa.

***

15

O verdadeiro obediente é isento de toda desordem e de toda paixão e seu oposto é devorado pelos animais, ou seja, pelos apetites descontrolados e come o chão, como uma serpente.

***

16

A obediência daqueles que são depurados na fornalha da humildação, tanto de espírito quanto de corpo, é de infinito valor perante Deus.

***

17

Aos verdadeiros obedientes não há nada tão agradável quanto obedecer ao infinito, prontamente, simplesmente, alegremente, corajosamente, constantemente, com todas as suas forças, tanto interiores quanto exteriores.

***

18

Os obedientes muito simples e muito humildes jamais pensam que se possa exceder com relação a eles. Eles são dóceis e fáceis de convencer e seja o que for que lhes aconteça de mal, eles mostram que esperam, incessantemente e com os pés firmes, as aflições que pesam sobre eles e outras ainda maiores.

CAPÍTULO 09

O conhecimento de si mesmo.

01

A mais importante e a mais necessária ciência nesta vida é o profundo conhecimento de si mesmo.

***

02

Coisa deplorável! As pessoas sabem falar de tudo, mas são ignorantes sobre elas mesmas. Elas são luminosas para os outros, mas cegas para o que diz respeito a elas. Elas são prudentes para aconselhar os outros, mas fúteis e insensatas quanto a própria conduta.

***

03

É feliz aquele que, tendo saído de si mesmo através de todo tipo de pecado e tendo rodado por todo o mundo, como de casa em casa, se deleitando com as práticas dos pecadores, Deus vem, por fim, para lhe mostrar, com seus raios luminosos, as trilhas e o caminho da sua própria casa, para que esta pessoa entre e repare suas ruínas.

***

04

A pessoa que não se dedica a se conhecer é sem valor algum. Ela não faz outra coisa em sua vida animal e espalhada pelo exterior, do que aniquilar sua natureza, indo com toda velocidade para o pecado.

***

05

O coração daqueles que não se conhecem é um navio cheio de fel e de amargura. Eles são pessoas carnais, turbulentas, inquietas e sempre prontas para morder e censurar as ações alheias.

***

06

Nosso próprio espelho é impuro e não pode nos representar a nós mesmos. No entanto, nós olhamos nele, com curiosidade, as imperfeições alheias.

***

07

Se quisermos saber com certeza quais são aqueles que são mais agradáveis a Deus nesta vida, acreditemos que são aqueles que caminham inteiramente aniquilados em sua presença.

***

08

O esquecimento de todas as coisas e de si mesmo, acrescido à contemplação, torna a pessoa divina.

***

09

Para chegar ao conhecimento de si mesmo, é preciso fazer desaparecer tudo o que produz a ignorância, as trevas e o gelo do coração; sondar e pesar suas maldades,

que são consequências da tola opinião que se concebeu sobre si mesmo; depois, arrancar pela raiz, do seu coração, a vanglória e suas enganações, o quanto se puder e principalmente pelo horror que se deve ter dela.

***

10

Aquele que encontrou o alicerce de sua própria casa, ou seja, seu verdadeiro nada, deve edificá-la na caridade, na virtude e nas humildações eternas. Quanto mais ele trabalhar nisto, menos ele se cansará e chegará, sem perceber, à perfeição.

***

11

Deus não retribui tudo imediatamente a seus amigos perfeitos, para lhes deixar com o que reconhecerem seu verdadeiro nada e para que eles se exercitem nas virtudes e no divino amor e para que, indo em sentido contrário a eles mesmos, eles possam sustentar a abundante santidade de Deus sem prejuízo do que eles devem a ele e a eles mesmos.

***

12

Vemos bem melhor nos outros a feiura das nossas imperfeições do que em nós mesmos.

***

13

Todo aquele que se deleita e se confia a Deus terá todo poder sobre si mesmo e verá claramente seu nada.

***

14

A majestade de Deus se compraz em nos ver aniquilados no conhecimento e na confissão do seu todo e do nosso nada.

***

15

É uma necessidade que a pessoa que vê e desfruta Deus por meio de suas influências luminosas veja e sinta, pelo mesmo meio, a verdade do seu próprio nada.

***

16

Aqueles que são vivamente tocados e preenchidos pela Sabedoria Divina veem tão perfeitamente o nada de todas as coisas e especialmente deles mesmos que eles não admitem a humildade para eles como tal, porque a humildade, propriamente, não passa de um encaminhamento para o nada e o nada é o fim aonde levam as humildações e a humildade.

***

17

Os mais perfeitos devem sempre se considerar infinitamente defeituosos, pelo próprio fato de que lhes falta uma infinita pureza de espírito.

CAPÍTULO 10

A vaidade do mundo.

01

O mundo que dizemos ser pleno de vaidade não é outra coisa além do conjunto dos perversos e dos reprovados, que fazem um contínuo esforço para arruinar e

derrubar o culto a Deus. Ele é a própria malícia. Ele é veneno, corrupção, crueldade, erro, mentira, trevas. Mas a crueldade e a volúpia, isto é o que domina nele.

***

02

O mundo é o agente, o ministro do demônio, que é seu princípio.

***

03

O mundo penetra toda parte e não me enganaria se dissesse que ele está em muitas ordens religiosas e em muitos religiosos.

***

04

Os mundanos se unem para a perseguição e a ruína dos bons e se dividem para se perseguirem uns aos outros.

***

05

A corrupção do mundo e dos mundanos só procede do fato de que eles não consideram a majestade de Deus neles e nem fora deles. Foi por isto que Deus os entregou às naturais e brutais afeições dos seus corações.

***

06

O que é uma pessoa mundana e carnal, senão a presa de Satã.

***

07

Está escrito que *o coração empedernido acabará por ser infeliz*[4]. Esta é uma ameaça assustadora para os mundanos endurecidos por seus pecados, já que é suficiente lhes dizer que, infelizmente, eles morrerão no estado em que estão presentemente.

***

[4] Eclesiástico 3: 27.

08

Nosso Senhor sabe bem separar os seus do mundo, tendo-os escolhido tão bem para si, por sua bondade e sua misericórdia, que, quando chega o momento, ele os toca vivamente com seu divino Espírito, cuja suavidade faz com que, para eles, o mundo e todas as suas alegrias lhes sejam absolutamente insípidas.

***

09

A terra dos justos não é isenta de espinhos, assim como a dos mundanos, mas ela não os produz, porque eles a cultivam sem cessar e Deus a enche continuamente com suas bênçãos divinas. Bem ao contrário, a dos mundanos é um terreno baldio cheio de espinhos e de pecados que, se eles a cultivam, é só para eles mesmos e para o demônio, alimentando rica e deliciosamente neles o ser humano animal, para a morte e para o fogo eterno.

***

10

Aqueles que não são do mundo levam uma vida pura, tranquila, livre em espírito, suave, agradável a Deus.

Eles são pacientes e cheios de mansidão. O amor deles não é interesseiro. Eles não se vingam. Eles fazem o bem àqueles que os caluniam e que os perseguem. Eles mortificam incessantemente suas paixões. Eles doam tudo a Deus e não se atribuem nada, a não ser o desprezo. Eles não ouvem e não veem nada que não venha do puro espírito. Eles deixam todas as coisas serem o que elas são e julgam bem tudo. Eles estão sempre prontos para receberem, da mão de Deus, todas as provações que lhes vêm das criaturas. Por fim, a caridade deles é muito bem ordenada, interna e externamente.

***

11

Aqueles que não são do mundo são realmente puros, elevados, abstraídos. Uns vivem em ordem religiosa e outros, no mundo. Uns estão na ação e outros, na pura contemplação. Uns vivem na solidão de espírito, segundo o mais alto estado de perfeição e outros vivem solitários de corpo e de espírito e, em ambas as solidões, todos recebem abundantemente as divinas e secretas iluminações de Deus.

***

12

Aqueles que querem ser em parte de Deus e em parte do mundo, Deus os repudia e o mundo os toma como seus, para utilizá-los em tudo o que ele puder.

***

13

Ainda que os justos vivam em trabalhos, perseguições e angústias muito penosas, tanto quanto os mundanos, todavia, há uma diferença entre ambos, tanto quanto entre o céu e a terra, pois a aflição conduz os justos à glória, após uma fiel perseverança, enquanto que os mundanos, depois de terem sofrido um inferno nesta vida, vão continuar este inferno na outra.

***

14

Aqueles a quem Deus é tudo, o criado não lhes é nada, em qualquer lugar e em qualquer condição que eles estejam. No mundo, eles estão ausentes do mundo, convertendo os objetos de prazeres em meios de vida eterna e de verdadeira santidade.

***

15

Os bons devem fugir da conversa do mundo[5], como da morte e do inferno e, se eles querem se beneficiar do amor e do caminho de Deus, devem acreditar firmemente que o mundo é infinitamente pior do que experimentamos e podemos representar.

***

16

A infelicidade dos reprovados é um aguilhão tão vivo e tão pontiagudo para as almas santas que isto é capaz de fazê-las morrer de lamentação e de dor, o que aconteceria infalivelmente se Deus não as preservasse com seu amor especial e com sua amorosa bondade.

***

17

A perseguição do mundo serve de fornalha ardente para purificar e provar os bons, para que um excesso de paz não seja um motivo para se voltarem para o lado de-

[5] Cf. Filipenses 3: 20. *Nossa conversa, porém, está no céu. É de lá que ansiosamente esperamos o Salvador, o Senhor Jesus Cristo.*

les mesmos e das criaturas, com o que eles perderiam ou, no mínimo, manchariam a bondade e a justiça deles.

***

18

Os justos que estão em contínua guerra com o mundo e que acham suas delícias mais amargas do que a morte se saciam com o dulcíssimo maná das infusões divinas, do qual não se pode dizer nada àquele que não teve esta experiência.

CAPÍTULO 11

A humildade.

01

Tendo o ser humano perdido a graça através do orgulho, Deus a devolveu através da humildade do seu Filho.

***

02

A humildade é o fundamento de todas as virtudes. Ela é sua mãe, sua base, seu suporte, sua vida, sua força e seu nervo principal. Onde ela está, estão também todas as virtudes e se a humildade quisesse possuir totalmente sozinha seu sujeito, ela o faria se ver despido de todo ornamento e coberto somente com seus trapos velhos, o que não deve ser.

***

03

Não se encontra ninguém que queira se esconder. Todo mundo quer parecer, não o que é, mas o que não é.

***

04

Toda queda, todo tropeço na virtude é sinal de orgulho. Se a pessoa fosse realmente humilde, não apenas ela não cairia jamais, como também não encontraria nada no caminho da virtude que a fizesse tropeçar, por causa de sua profunda atenção a si mesma.

***

05

Os religiosos, pelo amor de Nosso Senhor pobre e crucificado, devem se resolver a ser o escabelo dos pés de todas as pessoas.

***

06

A verdadeira vida, perante Deus, não é outra além da humildade profunda nas zombarias, nos desprezos, nos insultos. Qualquer outra vida, por mais arrebatadora que ela seja, ficasse você intelectualmente encantado cem vezes ao dia, só mostraria ao mundo um enganador enganado.

***

07

Ah, como é uma coisa excelente à pessoa ser incessantemente o joguete das pessoas comuns e a presa de suas línguas!

***

08

É muito feliz aquele cuja vida é elevadíssima e excelente em sabedoria e em virtude e cujo espírito é humilde em proporção.

***

09

Os preceitos de humildade que só exercitam a pessoa externamente só convêm a certos cristãos naturalmente grosseiros e estúpidos e só são próprios para crucificar os sentidos de tanto violentá-los.

***

10

Quando se se faz humilde mais pela razão do que pelo amor, a humildade, na maioria das vezes, não passa de um artifício e aparência e ela não suportará jamais a prática exterior das pessoas, pois elas excederão sempre mais ou menos o julgamento e a razão.

***

11

O amor que não é humilde é um demônio.

***

12

A verdadeira e perfeita humildade é tão rara que ela só é encontrada naqueles que combatem, agonizam e morrem incessantemente em sua busca, à imitação de Jesus Cristo, sem buscar consolação nas criaturas.

***

13

As pessoas perfeitamente humildes só são conhecidas pelos seus semelhantes. A morte e a cruz são os únicos prazeres delas, embora elas não demonstrem nada disto. Mas, infelizmente, de quem falamos? De uma pessoa sem dúvida tão rara entre as pessoas quanto a fênix entre os pássaros.

***

14

O sentido natural considera mau ser de baixa condição. Pelo contrário, é uma coisa vantajosa, segundo o espírito de Deus, ser pequeno e mesmo aniquilado.

***

15

O amor é humilde na medida em que ele é amor. Ele é humilde nos iniciantes, humilíssimo nos avançados, humilde e único naqueles que são realmente perfeitos.

***

16

O prazer de uma alma soberanamente humilde é entrar no profundo abismo de Deus, onde ela se perde sem retorno, na visão de sua grandeza e de sua beleza infinita.

***

17

Enquanto a pessoa precisa ser convencida a ser humilde e morrer para si mesmas, ela está em sua própria vida. Quando a persuasão não lhe é mais necessária, ela está desfrutando da verdadeira vida de Deus.

***

18

O verdadeiro humilde, que não deseja nada para ele e que acredita que ninguém pode lhe fazer mal, não será jamais enganado pelo diabo e nem pela natureza. Deus o

rodeia por todos os lados, como algo que lhe pertence e que lhe está plenamente sujeito, no tempo e na eternidade.

***

19

A humildade que só dura enquanto dura a influência perceptível da graça, não passa, comumente, de aparência, máscara e mentira.

***

20

Alguém pode ter se tornado tão humilde que não sabe mais o que é a humildade e nem qualquer outra virtude como tal em sua prática. Além disto, pode-se ignorar o amor, de tanto tê-lo ultrapassado em Deus, de uma maneira totalmente inefável.

***

21

Aquele que tem o perfeito hábito da humildade de forma alguma pensa na humildade e na santidade para si mesmo. Ele tem uma opinião de si mesmo como muito vil

e se comporta segundo esta opinião em todas as suas práticas. Ele morre e vive em Deus, muito contente em todo acontecimento, sem refletir sobre si e nem sobre as criaturas. Ele recebe seus maus tratamentos com grandíssimo prazer e os deseja sempre mais, para se assemelhar perfeitamente a Jesus Cristo, seu amoroso exemplo.

***

22

Não se pode conceber até onde vai e se aprofunda a humildade dos verdadeiros sábios. Eles recebem todas as oportunidades do exterior, mas não da parte das criaturas e sim das mãos liberalíssimas de Deus.

***

23

Se acontecesse de sermos alvos de ataques e de sermos joguete de alguém, mesmo de um não superior, o melhor seria deixar acontecer, embora fosse lícito e adequado enfrentá-lo. Fazer diferente é estimular sua própria vida às puras e simples reflexões, enquanto que é preciso permanecer desconhecido das pessoas em todos os sentidos e maneiras.

***

24

É preciso ser soberanamente humilde, forte e paciente para viver desconhecido entre as melhores pessoas e conhecido de Deus somente.

***

25

O excelentíssimo hábito da humildade só é o lustre e o ornamento daqueles que estão verdadeiramente mortos.

***

26

A pessoa perfeitamente humilde está inteiramente morta para a natureza e, conhecendo seus caminhos ocultíssimos, ela a abomina como a própria morte. Não como natureza, mas por causa de sua malícia e de sua sutileza.

***

27

A verdadeira e profunda humildade deve manter o verdadeiro morto sempre morto e igual, sepultado com

Jesus Cristo, que é a vida de todos os vivos, em verdade de morte e de vida.

***

28

As humilhações da pessoa perfeitamente humilde são costumeiramente mais passivas do que ativas, por causa do seu amor, que é pacientíssimo para tudo sofrer e sustentar.

***

29

É um caminho muito mais seguro ser exercitado vivamente pelas criaturas, sem ordem e nem discernimento, do que se desprezar e se acusar perante as pessoas. A criatura que é assim exercitada pelos outros é incomparavelmente mais santa, mais pura e mais realizada, pois, ao exercitar a ela mesma, ela está totalmente em si mesma e só age para si, mas, sendo exercitada pelas criaturas, ela está perdida e aniquilada em Deus, só contemplando o abismo da divindade e o do seu nada.

***

30

Se você não pode voar como uma águia pelos eternos esplendores dos segredos infinitos de Deus, viva da humilhação e da humildade e mergulhe bem baixo na verdade do seu nada que você quis içar para o alto, ao pensar em voar sem asas.

***

31

Não se pode provocar nenhum dano e nem fazer nenhuma injúria à pessoa verdadeiramente humilde, já que não se pode ter prazer em deprimi-la tanto quanto ela tem prazer em se aviltar.

***

32

Ninguém tem o perfeito hábito da humildade se seus costumes, suas afeições e seus sentimentos não são perfeitamente purificados, se seu coração não é puro e se as forças da sua alma não estão reparadas, de sorte que ela possa voar, no amor a Deus, além de todas as virtudes.

***

33

Onde não há nada, a humildade está em seu centro, pois o verdadeiro nada não pode aparecer às pessoas. Mas, diferentemente, a morte aparece para elas, de sorte que as pessoas veem os moribundos e a morte, enquanto que o nada permanece desconhecido a elas e mesmo ao seu possuidor, de tanto que este está mergulhado no abismo de Deus.

***

34

Os graus da humildade, considerados em relação ao corpo sepultado, são: 1) estar em um lugar muito baixo; 2) estar enterrado como um morto; 3) estar em um estado de corrupção, ou seja, em sua própria estima; 4) ser cinza; 5) ser um puro nada.

***

35

Deseje, espere, sofra e morra desconhecido para sempre. Isto é tudo e a verdadeira santidade.

CAPÍTULO 12

O orgulho.

01

Não somos feridos pelas pessoas e nem pelos demônios; é por nós mesmos, ou seja, pelo nosso orgulho e pelas nossas paixões.

***

02

A pessoa não está segura nesta vida contra o orgulho, pois, embora ela tenda para Deus, na medida em que avança na perfeição, seus inimigos se sutilizam infinitamente nela, para impedir a atividade do seu voo puro e ativo em Deus.

***

03

Sendo a principal raiz do orgulho arrancada da pessoa espiritual, nela permanecem sempre pequenas raízes muito sutis, que fazem brotar tantas buscas secretas de si mesmo que não se pode descobri-las todas perfeitamente.

***

04

A ascendência é uma busca sutil que é preciso evitar. Isto destrói a sabedoria santa, humilde e simples e torna a pessoa onerosa, mesmo aos seus familiares.

***

05

Quanto mais uma pessoa tem ascendência sobre outra, mais ela está sujeita ao temor e a se fazer humilde, segundo o que diz o Sábio: *Quanto mais fores elevado, mais humilde serás em tudo*[6].

***

06

Quanto mais se é de baixa condição, mais é preciso evitar o espírito de ascendência sobre os outros.

***

07

Ah, quantas pessoas existem infladas de orgulho e que, sob o hábito religioso, tomam ares de superioridade

[6] Eclesiástico 3: 20.

com relação aos próximos, desprezando aqueles que não vivem como eles e os julgando indignos da companhia deles, colocando a perfeição no hábito deles e nas austeridades deles.

***

08

O melhor para a pessoa nesta vida é ignorar se está em graça e em caridade, por causa do seu profundo orgulho. Se bem que Deus usa para com ela de uma bondade, de uma misericórdia infinita, quando ele lhe esconde assim os tesouros de sua graça e do seu amor.

***

09

É muito má a criatura que faz a Deus a injúria de querer ser alguma coisa, mesmo comparada ao que quer que seja.

***

10

Seria muito melhor ser um grande e manifesto pecador, por assim dizer, do que definhar conscientemente

em seu orgulho, por não descer às práticas de oração básicas e comuns.

***

11

O sofrimento que se sente pelo que quer que seja mostra claramente o orgulho, pois a pessoa realmente humilde sofre tudo e isto não a toca mais do que se fosse outra pessoa e não ela que sofre, na medida em que ela está morta e que não há nada além do orgulho que possa torná-la viva e mostrá-la como tal, tanto a si mesma quanto aos outros.

***

12

O Esposo permite quedas leves e de fraqueza comum, para libertar suas esposas do orgulho.

***

13

Deus tem tanto horror pelas autobuscas pelos seus dons que ele preserva algumas almas deste mal, permi-

tindo que elas sejam muitas vezes gananciosas e derrotadas pelo orgulho.

***

14

Deus aceita a boa vontade daqueles que gostariam, mas não podem se libertar do orgulho e os preserva da fútil complacência com eles mesmos por meio da sua profunda, nua e renunciada humildade que está escondida sob seu orgulho manifesto. Assim, o inchaço doloroso preserva essas profundezas do inchaço saboroso que os dominaria se eles se vissem mais perfeitos.

***

15

A indignação e o zelo mal compreendido são causados por uma sabedoria presunçosa. A indignação cresce no interior e o zelo se manifesta no exterior a respeito das faltas alheias. A humildade e seus atos frequentes devem se opor a esta desordem nos perfeitos.

***

16

O perfeito moribundo, soberanamente atento a si e ao exercício contínuo de suas profundas humildações não deve jamais se indignar com o que quer que seja, na medida em que a indignação não é outra coisa além do efeito de uma presunção e de uma confiança muito pronunciada em si mesmo e que, portanto, é filha do orgulho.

***

17

Quanto mais se é excelente aos próprios olhos mais se está sujeito à vergonha.

***

18

O diabo se contenta em manter certas pessoas em sua sensorialidade de espírito e em sua presunção, sem se preocupar muito em fazê-las cometer grandes faltas no exterior, para que elas se ceguem cada vez mais e, de forma alguma, se reconheçam pecadoras, pois, embora elas se digam isto, isto não passa de vaidade e secreta complacência. O amor-próprio delas as faz acreditar que estão estreitamente unidas a Deus e as cega até o ponto

em que elas tomam sua indolência e sua sensorialidade por verdadeiro e puro espírito. Seria muito melhor para elas estar, como as pessoas comuns, em um medíocre grau de graça e de caridade, pois elas ao menos se considerariam pecadoras, invés de se julgarem mais santas do que todas as outras.

***

19

É uma coisa estranha que a pessoa perfeita não possa sustentar sua própria impotência e a cubra com um sutil orgulho, especialmente quando se vê impotente em executar qualquer ação leve que é fácil aos outros.

CAPÍTULO 13

A mortificação.

01

Os verdadeiros filhos do espírito ficam tenazmente, sem qualquer indulgência e para sempre, ao lado de Deus e contra eles mesmos.

***

02

Há casos em que a paixão é voluntária e movida pela luz da razão e há outros em que ela é totalmente animal, como se vê nas pessoas que percorrem o caminho comum.

***

03

É preciso tratar de enganar a natureza em tudo o que lhe dá prazer, sem, no entanto, sair dos limites de um justo discernimento.

***

04

Os religiosos devem se precaver contra a falsa liberdade dos sentidos e a demasiada amplitude de consciência, porque eles estão tão obrigados à mortificação total dos seus sentidos e das suas paixões que eles não podem deixar de praticá-la sem pecar, por causa do escândalo que provocam à ordem religiosa.

***

05

O religioso não desfrutará jamais do maná delicioso que só é conhecido por aquele que o recebe, se ele não for um perfeito superador dele mesmo.

***

06

Aquele que não tem suas paixões perfeitamente mortificadas não está disposto a receber o dom do discernimento, sem a infusão do qual não se pode ser transformado em espírito.

***

07

Nossas regras só nos são dadas por Deus e pelas pessoas para que sigamos em sentido contrário a nós mesmos e destruamos em nós o ser carnal.

***

08

A austeridade do corpo, quando está só, gera o orgulho. Acrescida do amor, ela cura a vaidade e é mesmo absolutamente necessária para isto.

***

09

De certa maneira, é mais perigoso faltar com as mortificações nas pequenas faltas do que nas faltas mais sérias, pois aquelas tornam cego e estas rasgam os véus.

***

10

O religioso carmelita pode ser santo sem contemplação, desde que sua vida e suas obras sejam santas. Mas ele não poderia jamais sê-lo sem a oração e sem a mortificação das paixões e dos afetos humanos.

***

11

A recreação dos sentidos é uma morte para as pessoas simples e abstraídas. Elas não se permitem isto por diversão, mas somente por necessidade, para o bem e a edificação do próximo.

***

12

Há superiores que colocam como o fim da ordem religiosa somente a perfeição da regularidade exterior, sem se preocuparem se os religiosos são, internamente, cheios de faltas.

***

13

Os religiosos que dão mais valor do que deveriam às suas responsabilidades exteriores se envaidecem com o que faz a infelicidade deles.

***

14

A mortificação dos sentidos e das paixões e a observação das leis são meios para adquirir a perfeição e, consequentemente, são de obrigação, tanto quanto seu fim.

***

15

O verdadeiro religioso se anima continuamente em combater a ele mesmo, generosamente, fortemente e san-

tamente, sem visar a recompensa, mas somente o amor e o beneplácito de Deus.

***

16

A pessoa verdadeira em espírito afasta muito sutilmente dela mesma as coisas puramente lícitas e faz apenas o que é conveniente, estando tudo perfeitamente previsto entre ela e Deus. Isto é o que chamamos de tender para o infinito.

CAPÍTULO 14

A solidão.

01

A verdadeira solidão está no espírito e o deserto e a pátria deste estão em Deus, Pai e Senhor de todos os espíritos.

***

02

Só ser solitário de corpo é se assemelhar a um animal sem razão que é mantido preso.

***

03

A solidão é um inferno àqueles que têm uma natureza turbulenta, muito viva, triste, inconstante, inquieta, mas, sobretudo, àqueles cuja natureza é muito levada à melancolia. Ela só convém às naturezas boas, doces, afetuosas, alegres, contidas, saudáveis de corpo e de espírito.

***

04

Quando alguém é realmente chamado para a solidão, é preciso deixá-lo em quietude e não forçá-lo pelos caminhos comuns e amplos das pessoas, sob o pretexto de que, nele, se conserva a perfeição, pois, por mais fiel que ele seja, ele achará, tendo retornado à sua solidão, que terá perdido muito, atraindo para si várias imagens que a natureza lhe apresentará, independente da vontade dele.

***

05

É inutilmente que se abraçam os meios próprios para conduzir à vida do espírito, se não se é realmente solitário de espírito e de corpo, o quanto for necessário.

***

06

Não é contrário à solidão religiosa se ocupar com alguns bons trabalhos manuais ou em compor e escrever coisas santas, desde que tudo isto não impeça a livre ocupação do coração com Deus.

***

07

É uma grande pena ignorar o verdadeiro bem e querer salvar todo mundo perdendo a si mesmo. Os seculares buscam o próprio bem, em prejuízo dos religiosos, sem que haja uma falta deles e os religiosos, mais mal aconselhados, buscam, em alto e bom som, o bem dos seculares, em prejuízo dos deles próprios.

***

08

A guerra dos bons seculares é contra o pecado e a dos religiosos solitários é contra a imperfeição.

***

09

É na solidão que se faz a guerra espiritual e que as armas do espírito são absolutamente necessárias ao solitário para se premunir contra ele mesmo, se superar, assim como a todas as coisas criadas e se unir totalmente a Deus.

***

10

O verdadeiro solitário, sendo chamado ao exterior por necessidade, só aspira pelo seu querido retiro e quando ele retorna a ele, ele parece voar.

***

11

Não há vida tão feliz quanto a vida solitária, pois nela, Deus se dá inteiramente à criatura e esta, por sua vez, se dá inteiramente a Deus.

***

12

Os verdadeiros solitários devem viver em suas casas totalmente solitários de corpo e alma, em silêncio, em oração, em um contínuo recolhimento de suas forças em Deus.

***

13

A solidão e a quietude daqueles que não têm nada que tratar com as pessoas devem ser todo o bem deles na terra, para nela cultivarem suas profundezas ou habitarem nela com delícias, se eles forem perfeitos.

***

14

É preciso não apenas colocar nossos corpos em nossas celas e solidões, mas também fixar nelas nossos corações e nossas mentes, para que, inteiramente solitários, possamos tomar plena posse de nós mesmos e então nos elevarmos a Deus por meio de sua graça.

***

15

O verdadeiro solitário deve superar ele mesmo e todas as coisas criadas, para se unir perfeitamente a Deus. Quanto mais ele é divino, mais ele supera todas as coisas, mergulhando no mais profundo de sua morada, que só ele e seus semelhantes conhecem.

CAPÍTULO 15

O silêncio.

01

A virtude do silêncio é muito difícil de ser adquirida por aquele que está vazio do espírito de Deus e que não está recolhido em si mesmo.

***

02

Muitas vezes é preciso ir aos extremos para chegar ao meio. É por isto que é preciso manter um extremo silêncio para adquirir a virtude de falar bem e sabiamente.

***

03

O silêncio e a solidão são o irmão e a irmã que ficam de mãos dadas para apoiarem um ao outro.

***

04

O silêncio interior é mais perfeito do que o exterior. É ele que comprime e interrompe os movimentos de todas as paixões na parte concupiscível e irascível. É preciso adquiri-lo com a prática do silêncio exterior.

***

05

Aqueles que só vivem uma vida mediocremente boa só têm o silêncio exterior, ainda que isto os incomode extremamente.

***

06

O silêncio interior, que interrompe todas as paixões, só pertence ao religioso realmente espiritual ou que deseja com todo seu coração se tornar um.

***

07

O silêncio é um dos principais meios de remediar nossa cegueira e todos os defeitos do nosso espírito.

***

08

É só nos aprendizes e não nos verdadeiros filhos do espírito que é preciso louvar o silêncio, pois estes saboreiam os frutos dele com tanta suavidade que não precisam de outro motivo de persuasão para desenvolverem uma estima por ele.

***

09

Aqueles que vão a Deus somente em aparência fluem inteiramente em palavras e não conseguem terminar seus discursos, de tanto prazer que eles têm em imprimir suas concepções nos outros, tratando de se fazer estimar como eles estimam a eles mesmos. Eles não passam de repetições, réplicas, exageros. Toda a vida deles não passa de uma paixão.

***

10

Quanto mais uma pessoa tende para Deus, mais ela deve ser séria e menos deve falar em companhia.

***

11

A pessoa espiritual deve estar atenta para não causar um mal propositalmente, para que não seja impedida em sua nua e livre contemplação de Deus, na fruição do qual ela usufrui de sua quietude no abismo de sua própria profundeza.

CAPÍTULO 16

A modéstia.

01

É preciso ter pelo corpo tanta reverência quanto se tem pela alma, na medida em que ele é o templo de Deus, que condescende entrar nele a cada dia pessoalmente.

***

02

A conversa das pessoas desprovidas de modéstia só causa chagas, feridas profundas. Os sentidos delas são sempre portas abertas para a morte. A atitude delas é julgar o próximo segundo o que elas são.

***

03

Uma consequência da modéstia é ouvir de bom grado falar de Deus e só falar dele com sobriedade; não reprovar nada no outro, deixando cada coisa ser o que ela é propriamente, sem tirar dela nada além do puro espírito; evitar toda particularidade e singularidade; honrar todo mundo; enfim, agir sempre, no que nos diz respeito, seja em particular ou em público, com uma reserva e uma humildade profundas.

***

04

A modéstia transfigura a deformidade do corpo. Ela arrebata secretamente os corações daqueles que a veem.

***

05

Não se poderia dizer que força tem a profunda modéstia de uma pessoa sobre as outras, para impedi-las de agir de uma maneira imperfeita ou para fazê-las reentrar nelas mesmas.

***

06

A alma simples não tem nada de forçado ou violentado. É o Espírito de Deus que realiza quase que totalmente sozinho suas ações exteriores, para sua própria glória e para a edificação do próximo.

***

07

É impossível que aquele que é simples e luminoso não seja modesto e bem composto no exterior, pois esta é uma consequência da verdadeira luz e da sabedoria divina, que, ocupando saborosamente as forças e o coração, faz aparecer sua saborosa irradiação no exterior.

***

08

As pessoas realmente modestas nas dores e nos abatimentos infernais que Deus opera divinamente nelas e, mesmo nos tormentos das criaturas no exterior, permanecem sempre iguais, tranquilas e imutáveis nelas mesmas, fazendo transparecer exteriormente uma alegria modesta para ocultar suas aflições àqueles que não devem conhecê-las. A Sabedoria Divina reluz na testa delas e em todas as ações delas, de sorte que elas parecem, no meio das pessoas, como anjos encarnados.

***

09

A modéstia tem isto de excelente: sendo vista e sentida, se vê e se saboreia com ela todas as virtudes do espírito.

CAPÍTULO 17

As buscas e os maus instintos da natureza.

01

Suporta-se naturalmente mais o que agrada a nós mesmos do que aos outros e isto é contrário à perfeição. A natureza é mentirosa em seus caminhos e aceita o falso como verdadeiro e assim, fazem-se grandes coisas perante Deus que só geram castigos por isto.

***

02

Nossos pretextos são nossas armadilhas. É ser muito defeituoso se deixar prender por eles.

***

03

É preciso ter um medo racional da natureza em todas as ações que estão conformes a ela e protestar que, com elas, só se quer glorificar a Deus.

***

04

Eu não gostaria de garantir as almas que têm abundância de luzes e de delícias interiores de várias buscas

secretíssimas da natureza, por causa das reflexões que elas fazem imperceptivelmente sobre elas mesmas.

***

05

A natureza é inimiga do amor perfeito e o verdadeiro amoroso de Deus teme a sutileza dos seus laços, como teme a morte e o inferno.

***

06

Sabe-se com certeza que se foi tomado pelo amor natural por algo desejado através do lamento e da tristeza que se tem ao ser privado dele. Quanto mais o bem que se busca é grande, mais é fácil ser surpreendido pela natureza no estado de simples vida moral.

***

07

Tudo o que é ansiosamente buscado está coberto por alguma aparência que esconde a verdade ao intelecto.

***

08

Quando a afeição natural é muito viva, a boa intenção serve simplesmente para cobri-la, com a afeição ultrapassando a intenção. Daí vem que os espirituais, vivendo no espírito, estando mortificados em suas naturezas e desconfiando de suas forças, mostram menos vivacidade em empreender as ações difíceis, seja de caridade, seja de outra virtude.

***

09

Ninguém, por mais santo que seja, vive sem um interesse particular. Os espirituais, espiritualmente e os grosseiros, grosseiramente.

***

10

Quanto mais as pessoas são grandes, mais seus interesses são grandes também. Muitas vezes, até mesmo na suposta santidade imaginada pelo apetite da própria excelência.

***

11

A natureza se desculpa e se acusa, se justifica e se humilha e tudo isto para seu próprio deleite.

***

12

O prazer e a quietude da graça são para se esconder. Diferentemente, a natureza deseja se manifestar a todos.

***

13

Quanto mais as pessoas são perfeitas, mais elas devem se precaver delas mesmas, por causa das sutilíssimas reflexões da natureza, que se deleita com o belo, o bom, o perfeito, dentre as coisas que lhe são mais permitidas.

***

14

A caridade suporta tudo e a pura natureza não pode apoiar e nem dissimular.

***

15

Há poucos santos na terra que conheceram inteiramente a malícia do seu instinto natural em se procurar.

***

16

O desejo que temos de um bem conforme nosso apetite deve nos ser suspeito, porque nos buscamos até nas intenções que nos parecem divinas.

***

17

As sutis propriedades interiores são a praga do espírito e aqueles que são sujeitos a elas involuntariamente até a morte são covardes em responder a Deus com todos os seus esforços.

***

18

Comumente julgamos melhor as ações alheias do que as nossas, porque a luz que temos para os outros é mais isenta de paixão.

***

19

A natureza quer possuir sozinha o belo e o perfeito, sem fazer concessões a ninguém. Diferentemente, a graça comunica o que possui a todos aqueles que são capazes de recebê-la. Tem-se que ficar atento, no entanto, com as imagens produzidas por este desejo de se comunicar.

***

20

A imaginação muitas vezes falsifica os sentimentos e as inspirações do puro espírito.

***

21

É uma coisa deplorável quando é preciso que a idade e o tempo e não a graça reformem a natureza.

***

22

A graça prefere os outros a si mesma e considera melhor para os outros do que para si mesma o que é excelente, porque ela acha todos melhores perante Deus.

***

23

As inspirações do diabo provocam sempre a presunção e se elas levam à humildação, é só por hipocrisia, para obter a estima das pessoas.

***

24

Veem-se os hábitos de todos nos movimentos que os surpreendem subitamente.

***

25

Ninguém é realmente místico se não for bem experiente na ciência dos caminhos da natureza.

***

26

Quanto mais a natureza é atraída pelos favores espirituais, mais ela está inclinada a se fazer presa deles. Ela mistura sempre seu próprio espírito ao espírito de Deus e se a observarmos bem de perto, será sempre assim.

***

27

A natureza pode muito bem falsificar a verdadeira razão e a prudência em qualquer coisa, mas jamais em tudo, na medida em que seu interesse estará em uma infinidade de coisas de que ela não se despojará jamais.

***

28

A armadilha mais sutil que nos arma costumeiramente a natureza é nos fazer confundir o lícito pelo conveniente.

***

29

Se duvidamos de qual é o instinto que nos move, se ele é da graça ou da natureza, é preciso que representemos um, sobre a mesma matéria, que seja seguramente conforme a natureza. Se esta representação agrada ao nosso espírito, isto é sinal de que o primeiro instinto vem também da natureza e, portanto, deve ser rejeitado.

***

30

O espírito de Deus faz refletir incessantemente sobre Deus e, por consequência, faz operar nele e por ele. Diferentemente, o espírito natural, perturbando e dilatando o coração com certas luzes e delícias sensoriais, faz seu sujeito refletir sobre seu próprio interesse.

CAPÍTULO 18

A paciência e a força.

01

Nunca se preocupe com qualquer acidente que seja. A preocupação é a porta por onde o diabo entre na alma. O desejo pelas virtudes e pelo próprio Deus, acompanhado de preocupação do espírito, não passa de uma busca e uma satisfação de si mesmo.

***

02

É preciso que estejamos tão compostos exteriormente que nenhum acidente tenha o poder de intimidar nossa razão.

***

03

Os espíritos inconstantes são como a lua: sempre cambiantes. Eles não são, de forma alguma, próprios aos altos voos do espírito, sendo sem coração e sem generosidade.

***

04

A paciência é uma virtude afetiva do espírito, que a força divina produz nele para agir e muito mais ainda para suportar grandes adversidades.

***

05

A virtude da paciência, como paciência, não é a força inteira, mas uma consequência dela em algum grau, porque a paciência supõe uma reflexão mais ou menos viva e a força perfeita não tem isto.

***

06

O efeito da força divina é elevar a natureza ao puro espírito, transformá-la e unir incessantemente tudo a Deus, com um amor bem estreito.

***

07

A força divina produz infalivelmente seu efeito onde ela está, se seu sujeito não colocar nenhum obstáculo a isto.

***

08

A força aumenta a sabedoria na pessoa e a sabedoria controla a força, pois a força que está sem ordem e sem discernimento é imprudência, precipitação e fúria.

***

09

A verdadeira força mantém e fomenta a humildade. Ela é necessária para adquirir e conservar todos os bens do espírito.

***

10

Nossos inimigos espirituais são o objeto perpétuo do exercício da nossa força e este exercício consiste em uma forte ação durante a prosperidade e em um forte sofrimento durante a adversidade.

***

11

A força dos perfeitos é simples e nua. Ela reside nas profundezas da alma, onde todas as forças são reduzidas além de toda operação perceptível e de onde a pessoa sensorial não recebe mais força e nem socorro perceptível para operar fortemente como antes. Sendo assim, uma pessoa pode ser forte de espírito e, no entanto, ser muito enferma de corpo. Nada lhe agrada tanto quanto sua cruz e, no entanto, é com dificuldade que ela suporta uma dor aguda em seu corpo sem gemer e se queixar suavemente, mesmo que não quisesse, por mil mundos, que isto fosse diferente.

***

12

Há pessoas tão fracas de corpo que o menor sofrimento lhes pesa. Isto vem de sua grande nudez de espírito e do fato de que não estão acostumadas a sofrer. É preciso que estas pessoas sejam tão fortes em seus espíritos, nas violências das cruzes, quanto são fracas em seus corpos.

***

13

Se nos aborrecimentos da natureza, a alma não fica pacífica e tranquila em sua profundeza, isto é um sinal de que ela está derrotada e refletida nela mesma e em sua natureza.

***

14

Os fracos devem humildemente pedir a Deus a libertação de seus males para melhor servi-lo, esperando a força para poder morrer nuamente e sem amor sensorial.

***

15

Os perfeitos podem se livrar dos males que os distraem do desfrute do seu divino objeto, mas quando eles não podem se livrar deles, é então que eles devem languescer e morrer na cruz, crucificados externamente e repousando internamente em Deus.

***

16

Há mais dificuldade em ser continuamente exercitado pelas pessoas más do que pelos diabos.

***

17

A impaciência e a amargura vêm de um fundo não mortificado, vazio de amor perceptível, que só tem a si mesmo como fim de suas obras, embora lhe pareça o contrário. Daí vem as repugnâncias em sofrer e as queixas no sofrimento.

***

18

A virtude e a caridade verdadeiras são medidas pela força que se tem para combater generosamente a privação do necessário, tanto nas coisas do espírito quanto nas coisas do corpo. A caridade é forte como a morte e as águas das tribulações não devem jamais extingui-la.

***

19

A alma generosa prefere morrer mil mortes do que rebaixar sua coragem na diversidade das coisas acidentais e casuais, por se ressentir com suas vicissitudes e suas transformações.

***

20

O mais alto estado da força divina é fazer com que a alma não se impaciente jamais com a duração de suas mortes.

***

21

A paciência que se deixa vencer pelo tempo mostra que o fundo de onde ela procede ainda é imperfeito.

***

22

A consolação dos guerreiros do amor é que Deus não muda. É por isto que é preciso que eles tendam sem cessar para Deus e isto tão alegremente quanto as dores e aflições que eles têm que suportar são horríveis.

***

23

A força passiva tem diversos graus, com Deus a medindo segundo a verdade de cada um. Ela está em alguns para os sofrimentos comuns; em outros, ela é maior e em outros ainda, ela é muito maior.

CAPÍTULO 19

A amorosa resignação e a renúncia a si mesmo nas cruzes.

01

Ainda que uma alma não atinja jamais o mais elevado grau do amor, se ela se renuncia e se ela renuncia inteiramente ao seu próprio interesse, isto é muitas vezes mais agradável a Deus do que um amor todo liquefeito e elevadíssimo. É nisto que a vontade da pessoa, que é todo seu tesouro, sacrifica amorosamente a Deus todo seu império acima de toda influência e todo sentimento.

***

02

São os mais santos entre os santos aqueles que são insaciáveis com os sofrimentos.

***

03

Entre os santos, há gigantes para sofrer quanto ao corpo, enquanto que outros são a própria fraqueza. Deus, seguramente, leva isto em consideração, mas não se pode negar que não seja um excelente dom de Deus, quando, pela força do santíssimo Espírito, os sofrimentos interiores são acompanhados pelos do corpo. Não se pode negar

também que este tipo de santidade não seja extremamente rara e preciosa aos olhos de Deus.

***

04

Há contemplativos que são atraídos perfeitamente para dentro por uma inteira extensão e uma simplificação luminosa deles mesmos em Deus. Eles estão mergulhados na desolação do espírito, a ponto mesmo de todas as coisas necessárias lhes faltarem, pois eles estão tão mergulhados na essência divina que estão infinitamente acima de todas as verdades infusas e percebidas.

***

05

É preciso evitar pedir longos discursos aos contemplativos quando eles estão na cruz e nas mortais angústias das subtrações divinas, pois então, eles são indigentes, para eles mesmos e para os outros. Cada palavra que são obrigados a pronunciar lhes causa um vivíssimo sofrimento.

***

06

A amorosa resignação suprime todo sentimento, tanto interna quanto externamente, até a medula da alma e a mais íntima da sua profundeza. Reduzida a este ponto de desolação e de impotência, a alma se oferece em holocausto acima de todo conhecimento, sem que ela saiba se é digna de amor ou de ódio e nem se conhece Deus. No entanto, ela adere a ele com um nuíssimo e simplíssimo amor e com uma secreta força passiva e ela não pensa, de forma alguma, em buscar os meios para libertá-la. Todo seu prazer é morrer eternamente nessa cruz, se Deus assim o quiser e as criaturas são mais capazes de aumentar seu mal do que consolá-la. Essas almas são as mais puras que vivem na terra, mas, infelizmente, mal sabemos do que falamos.

***

07

Se se está totalmente suspenso em suas forças e se se está privado do poder de agir, é preciso suportar estes sofrimentos com uma constante resignação e com alegria. É nisto que consiste a santidade mais perfeita nas almas

fortes e generosas que assim apoiam Deus acima de toda influência e toda luz.

***

08

Quando chegamos ao nosso centro, que é Deus, quando estamos perdidos nele com a inteira transformação de nossa vontade na dele, desfrutamos já neste mundo da plenitude dos santos, mesmo no mais forte dos nossos combates e das nossas cruzes. Isto é tão maravilhoso que Deus sente um singular prazer em nos polir cada vez mais através de todos os tipos de exercícios.

***

09

A renúncia é um inteiro abandono de todo si mesmo a Deus, sem nenhuma restrição de obras ou de tempo. Como prova deste abandono, a criatura só quer, só age e só sofre pelo beneplácito de Deus.

***

10

O que torna a renúncia perfeita tão desconhecida é que se acredita que a santidade consiste nas altas elevações do intelecto e não em carregar sua cruz com Jesus Cristo. Erro, trevas e miséria grandíssima, pois o dom e o gosto de Deus não passam de um meio para se adquirir a santidade e não a própria santidade.

***

11

A vida renunciada está acima de todos os milagres, porque, sendo tão sobrenatural e tão rara, a criatura dá nela muito de si e, algumas vezes, tudo, parece, por causa de sua grande nudez, de seu abandono, de sua fraqueza, da sua ignorância de Deus e dela mesma, o que faz com que ela não saiba se perde ou se ganha, se consente ou resiste. É neste estado que a alma agonizante expira de dor e de angústia amorosa nos braços de Deus, resignada e renunciada em tudo o que ele ordena.

***

12

Somente a tribulação, mesmo nas pessoas que seguem o caminho comum, pode torná-las santas e grandes santas, embora jamais tenham ido a Deus pela vida do espírito e nem pela contemplação, pois, se bem considerada, a tribulação é o ápice de toda a vida ativa e há vários grandes santos no céu que jamais foram grandes contemplativos e que são santos por terem, em toda a vida deles, sofrido santamente, com alguma devota elevação de espírito e de coração a Deus.

***

13

É ser um privilegiado beber do mesmo cálice que o rei e é uma insensatez ou uma ingratidão desprezar esta honra. Veja então de que honra você é objeto da parte de Deus, quando ele o faz beber do cálice do seu Filho e que ingratidão será se você buscar em outro lugar sua felicidade.

***

14

A vida humana, para ser agradável a Deus, não pode ser sem tribulações, assim como o corpo não pode existir sem alma, a alma sem a graça de Deus e a terra sem o sol.

***

15

A cruz é colocada no centro de cada ordem religiosa como seu supremo ornamento. Ela está plantada particularmente no coração de cada religioso e Deus sente um tão grande prazer em mergulhá-la mais em alguns que ele a deixa com eles até a morte.

***

16

Aqueles que não podem se convencer de que a tribulação seja um bem tão grande são mesmo de se lamentar, já que desfrutam somente da criatura e da corrupção. Mas nós, que devemos ser de uma estirpe totalmente diferente, estimamos tanto a tribulação quanto menos fazemos caso desta vida e dos seus prazeres.

***

17

Todo aquele que não sofre e não sofre ao extremo está bem longe de poder se conhecer. Ele tem um justíssimo e profundíssimo motivo para desconfiar de si mesmo e de se fazer profundamente humilde em seu nada perante a majestade de Deus.

***

18

Não é pelo seu corpo e nem por seus sofrimentos que se deve julgar a santidade das pessoas. É preciso ver se elas são felizes, alegres e constantes internamente, mesmo quando o corpo se queixa e geme lamentavelmente.

***

19

A tribulação é o próprio bem de Deus nas pessoas e, reciprocamente, o bem das pessoas no de Deus. Desfrutar de tal bem deve ser todo o paraíso das pessoas santas na terra.

***

20

O puro e profundo sofrimento ultrapassa tanto toda ação quanto a imensidão do céu empíreo ultrapassa uma pequena noz.

***

21

Os bons religiosos são resolutos em ser o escabelo dos pés de todo mundo e de consumir neles, na qualidade de insensatos voluntários, a carne e o sangue, por todo o tempo de suas vidas, para se oferecerem em perfeito holocausto à sua divina majestade, que, para depurá-los como o ouro na fornalha, permite que lhes venham cruzes de todos os lados e mesmo, por uma disposição particular, do lado dos superiores.

***

22

A alma só é para o corpo secundariamente e o corpo não é só para ele mesmo. A alma é para Deus e depois para o corpo, que ela informa para domá-lo, para fazê-lo confraternizar com ela através de uma doce e livre violên-

cia, de sorte que toda pessoa possa amorosamente fluir em Deus, sua origem e seu fim último.

***

23

Aquele que flui continuamente em Deus através do amor encontra seu prazer nas contrariedades desta vida, que ele suporta generosamente pela própria força do Espírito Santo. Ele é uma águia divina através da contemplação da divindade, só detestando a ele mesmo e tudo o que o toca. Ele busca incessantemente glorificar Deus, ao propiciar o bem ao próximo.

***

24

A renúncia verdadeira só é dura, por algum temo, aos jovens e aos aprendizes, pois ela é fácil no meio e muito suave no fim.

***

25

A alma perfeitamente renunciada não tem tanto prazer em nada quanto em Deus, às suas custas, amando

melhor a santidade de Deus em todos os seus amigos do que nela mesma e para ela mesma. Assim acontece de ela ser cumulada e ilustrada com a santidade de todos, na verdade do seu amor puro, vivendo em Deus acima de toda ciência e de toda consideração, plenamente e sempre igualmente contente em todo acontecimento.

***

26

Perder-se totalmente __ ou seja, segundo o corpo e segundo o espírito __ só convém aos excelentes santos. Poucas pessoas podem chegar à perda da quietude perceptível. Esta é uma barreira muito forte que não se quer romper.

***

27

Os perfeitos devem se abandonar sem reserva, no tempo e na eternidade, sem jamais refletir sobre si mesmo, por assim dizer, mas sobre Deus somente.

***

28

É um rico tesouro poder se possuir na paz enquanto as forças inferiores estão perturbadas, ocupadas e, parece, atentas aos vivos e contínuos sofrimentos.

***

29

No tempo do sofrimento e da desolação interior, é preciso se manter contente no mais profundo do espírito e fugir para lá, com uma simples e alegre abstração, para lá contemplar Deus em quietude e fruição, passivamente, fora de nós mesmos, nele.

***

30

Todo aquele que deseja sofrer sem alívio de Deus ou das criaturas está bem longe de temer as acusações injustas, mesmo em sua maior desolação interior.

***

31

Aqueles que são perfeitos na caridade jamais desejam que se lamente por seus males. Se eles pudessem

permanecer desconhecidos em suas doenças, isto seria o contentamento supremo deles e é mesmo a mais cruel morte que se possa lhes ocasionar, lamentar por seus males.

***

32

É preciso que a pessoa perfeita faça muito grande caso das cruzes exteriores. Se as cruzes forem tão fortes que se esteja mergulhado nela pelo pensamento e pelo sentimento, ela deve, neste momento, preferir estas cruzes e estes rebaixamentos ao seu repouso de espírito, se agitando e se queixando o menos possível, pois, embora seja muito difícil nessas crucificações permanecer em repouso externamente, é preciso, no entanto, edificar o próximo, que só nos julga pelo que ele vê.

***

33

Há poucas pessoas que não se lançam aos extremos para evitar uma situação desagradável. Quem não faz isto é eminentemente sábio.

***

34

O religioso que vive por Deus e em Deus está mais feliz do que se pode pensar no meio de suas provações, seja de espírito ou de corpo, na medida em que suas cruzes contínuas são todas suas delícias.

***

35

Deus tem um prazer tão grande com a santidade dos seus santos que, para exercitar alguns, ele permite muitas vezes que toda sua Igreja sofra um grande dano. Prova disto é São Luís na Terra Santa.

***

36

Deus faz um inefável bem às suas criaturas quando ele resolve castigá-las rigorosamente nesta vida. É de acordo com esta convicção que é preciso ver todas as coisas que nos acontecem por ordem de Deus, nos contentando em lhe pedir força e virtude para apoiá-lo, pois sua justiça, exercida assim neste mundo, é o mais alto efeito de sua misericórdia.

***

37

A resignação muito sutil do espírito é a vida e o ornamento das almas realmente livres com a liberdade divina, suportando tudo com um desejo nu e corajoso que as une de uma maneira imutável a Deus.

***

38

A resignação do sentido tem diversos graus e estados segundo o grau de força passiva no qual ela é praticada. Ao ser tomada no seu mais sublime grau, ela é uma morte presente à alma e uma inteira crucificação da qual é impossível se livrar, nem mesmo desejar ser livre dela.

***

39

A tribulação é a sorte mais desejada dos justos. Ela é sua rica herança nesta vida, pois ela lhes serve para conservar e aumentar a graça de Deus neles.

***

40

A tribulação é o maior tesouro com que Deus honra seus amigos nesta vida. Desta forma então, as pessoas perversas são úteis para o avanço dos bons. Até mesmo os demônios, embora desejosos da nossa ruína, nos fazem, ao nos afligir, mais bem do que se poderia pensar.

***

41

A tribulação amorosa é o remédio dos espíritos doentes e o lagar dos bons, de onde se extrai o vinho delicioso que até mesmo Nosso Senhor condescende beber com prazer.

***

42

Quando Deus crucifica a alma no mais profundo dela mesma, a criatura não pode consolá-la. Muito pelo contrário, ela só faz afligi-la com suas consolações muito íntimas.

***

43

A vida dos imperfeitos é material de exercício, de sofrimento e de morte para os verdadeiros religiosos, mas isto mesmo é um prazer para estes, pois eles sabem, por uma saborosa experiência, que lá está seu purgatório e seu amoroso martírio.

***

44

O desejo que Deus tem de ilustrar e exaltar seus santos é tão grande que as causas de suas tribulações são muitas vezes sobrenaturais e somente dele.

***

45

O religioso vivamente animado pelo verdadeiro espírito da religião é tão levado a buscar incessantemente Deus, em verdade de espírito, de afeição e de ação, que só se vê nele crucificação, morte, obras e palavras de morte, que contém, no entanto, em si, espírito e vida. Ele encontra seu contentamento e suas delícias na aflição e não se preocupa, de forma alguma, consigo e nem com outra coisa, desde que ele ganhe Jesus Cristo.

***

46

Os mais perfeitos devem agir, sofrer e morrer no íntimo deles mesmos, quando estão na tribulação, como se eles se sentissem no arrebatamento e na plenitude inteira e eficaz de Deus.

***

47

Os verdadeiros justos não param em um estado, mas avançam sempre na prática das virtudes, para sujeitar cada vez mais a carne ao espírito e fazer do seu corpo e da sua alma um templo vivo onde Deus sente prazer em habitar, até a inteira consumação do seu amor e da sua divina similitude neles.

CAPÍTULO 20

A oração e a vida interior.

01

Os religiosos devem considerar a prática da oração como o melhor e o mais importante meio de perfeição

para eles, não tanto por causa dos prazeres saborosos que se recebe com ela, mas pelo que Deus é nele mesmo.

***

02

Os religiosos devem lamentar infinitamente o tempo em que eles não podem orar.

***

03

Assim como cada um é em sua vida e seus apetites naturais, assim ele será na oração, tanto mental como oral.

***

04

Os religiosos que servem a Deus com força e em verdade devem se afastar de todas as criaturas e deles mesmos e ficarem atentos em ver e em sentir, o quanto eles puderem, a infinita majestade de Deus, para se espalharem diante dela, de coração e de alma, como uma água muito odorífera, no doce e saboroso fervor de suas preces.

***

05

Para ter uma atenção pacífica e contínua durante a oração, é preciso ter uma grande pureza de coração, de intenção e de afeição, com a paz do coração e do espírito.

***

06

Quando se está em pacífico e total desfrute do seu coração e da sua alma, este é o momento de se ocupar com Deus, o mais afetuosa e intimamente que se possa, através de colóquios amorosos, simples, interiores e espirituais.

***

07

Embora carreguemos corpos de terra, é preciso que vivamos acima das coisas sensoriais, através de um contínuo voo do coração e do espírito, só tendo o corpo aqui embaixo, mas a alma ocupada com Deus em Deus.

***

08

Só temos a vida da natureza e da graça para retornarmos ativamente para Deus e mergulharmos com ardor nele.

***

09

Quem não ama a vida interior é joguete de todas as suas paixões.

***

10

A maior parte das pessoas ama a santidade nos outros, mas foge dela para elas mesmas e a destroem o tanto que podem nelas mesmas.

***

11

Quem só é espiritual nas aparências só possui o zelo apaixonado, cego e indiscreto.

***

12

As luzes divinas recebidas somente no exterior não podem permanecer, já que elas não penetraram a alma.

***

13

Um religioso vazio de desejos e de sentimentos por Deus estará continuamente em reflexão sobre ele mesmo, sempre descontente e infeliz em sua inquietude.

***

14

Os religiosos preguiçosos e tíbios na divina introversão e na ocupação interior não experimentarão jamais a doçura e a suavidade divinas, de sorte que serão obrigados a vaguear no exterior, buscando apoio e consolação nos sentidos.

***

15

Está muito longe de ser perfeito quem não sabe encontrar Deus em todas as coisas.

***

16

As almas realmente interiores só se apegam a Deus, não tem nada de próprio no perceptível e no visível, nelas e nem fora delas e permanecem tranquilas em Deus, que elas possuem acima de todos os seus dons, de uma maneira inefável.

***

17

É infinitamente importante que a pessoa espiritual viva sempre igual, sem se desmentir em um só ponto da seriedade que lhe convém.

***

18

O religioso deve viver mais da presença de Deus do que seu corpo vive de sua alma.

***

19

Os religiosos são obrigados, ao entrarem na ordem religiosa, a destruir neles a vida animal e sensorial, para viverem da vida do espírito.

***

20

É uma coisa digna de admiração ver que as pessoas não querem ter nada de mal, além de suas almas[7].

***

21

O que aflige, por assim dizer, infinitamente, nosso Deus, é ver que ele não pode encontrar pessoas dispostas a receber suas largas e amorosas comunicações.

***

22

A cegueira, a dureza e a insensibilidade nas coisas espirituais são a consumação de todos os males.

***

23

As pessoas espirituais só são bem conhecidas por Deus e muito imperfeitamente por seus semelhantes, a

[7] Cf. Santo Agostinho. *Sermão 367*, cap. 05: *Você quer uma vida longa, mas não uma vida boa? Quem suportaria por muito tempo algo que é mau; um jantar, por exemplo? Mas esta é, no entanto, a cegueira do espírito. Esta é a surdez interior do ser humano, que quer que tudo seja bom, exceto ele mesmo.*

menos que eles tenham um voo mais sublime do que os delas.

***

24

Quanto mais se é semelhante a Deus através do amor, mais se é amigo dele e mais é fácil obter dele todas as coisas para si e para os outros.

***

25

Se Deus concedesse facilmente, às pessoas comuns, o que elas lhe pedem, ele aviltaria seus dons e elas abusariam deles, para a perdição delas e se mostrariam ingratas.

***

26

Todo aquele que é muito fortemente dominado por uma paixão não tem aptidão, não apenas para a alta contemplação, mas também para a simples e comum oração.

***

27

Aqueles que param e colocam seu repouso no exterior, na vida ativa, não a ultrapassarão jamais e não chegarão aos esplendores e às delícias da vida interior.

***

28

Embora nossa vida seja de uma fé simplíssima em sua simplíssima nudez, é bom se dirigir algumas vezes amorosamente a Deus através de uma racionalização vocal, não para se introverter, mas como sendo uma coisa bem lícita e apropriada e porque o amor perfeitamente consumado requer muitas vezes isto, como um ato de decência.

***

29

Nossa atenção a Deus durante o serviço e o ofício divino deve ser com toda nossa alma, com um simples e único desejo e com uma elevação de espírito e não somente com o intelecto nos ocupando em ruminar ou a buscar diversos sentidos no que se pronuncia, pois isto pertence propriamente ao estudo e não à prece. Os sim-

ples e os ignorantes são, neste ponto, mais beneficiados do que os cultos, ao se ocuparem com Deus por amor, na ignorância e na simplicidade deles, enquanto que os cultos se dedicam mais a meditar profundamente sobre as coisas de Deus do que a amá-lo.

***

30

É preciso estar bem composto, tanto interna quanto externamente, ao recitar seu ofício, seja em particular seja em público, não fazendo gestos ou movimentos do corpo contrários à seriedade e à reverência que devemos a Deus, do qual somos os filhos mais queridos.

***

31

Aquele que se ocupa, na circunferência, com as criaturas, se afasta do seu centro, que é Deus. É por isto que é preciso ser essencial, rigoroso e conciso em sua ocupação do espírito.

***

32

Todo aquele que começou bem já fez muito, mas aquele que começa sempre com progresso chega prontamente ao fim desejado.

33

Muitas pessoas que se dedicam à oração jamais saboreiam Deus, porque, fora da oração, elas não se dedicam a ele.

***

34

Aqueles que entraram para a vida espiritual e mística e que a deixaram, chegando até a desprezá-la e a caluniá-la, são agentes do diabo, que tem uma muito boa familiaridade com estas pessoas, que ele estimula a maldade, com frequentes e fortes tentações, esperando mesmo possuí-las pós a morte delas.

***

35

A introversão nua, profunda e simples só pode ser praticada e realizada em sua perfeição pelos verdadeiros

amorosos. Ela não pertence àqueles em quem o amor natural excede o amor verdadeiro, essencial e simples.

***

36

O discernimento e a verdadeira prudência são as marcas do benefício que tem uma alma na vida interior.

***

37

As pessoas espirituais são dadas por Deus Pai ao nosso Salvador como seu próprio bem e para que ele as cultive e as faça produzir em abundância.

***

38

Todo religioso deveria saber por experiência o que pode Deus no espírito com suas divinas irradiações.

***

39

É justo que aqueles que tiveram prazer em encher suas almas com imagens agradáveis das coisas exteriores sejam atrapalhados por elas no tempo da oração. Essas

representações são seus carrascos e lhes fecham a entrada para a doce comunicação com Deus.

***

40

Aqueles que são realmente humildes em suas profundezas e buscam puramente agradar a Deus, se lhes falta direção humana, o Espírito Santo, que ensina tudo com sua unção vivificante, não lhes falta neste amoroso ofício.

***

41

O mais profundo da nossa alma é o lugar da nossa inefável felicidade. O que Deus nos manifesta lá é tão maravilhoso que nada lá é óbvio. É lá que nos perdemos em Deus, onde permanecemos estáveis e imóveis na plenitude dos santos. Lá, nossas raízes são infinitamente profundas. Lá, nosso prazer é de uma doçura inefável, acima do prazer eterno do amor em si mesmo, na eminência da quietude.

CAPÍTULO 21

A vida contemplativa ou supereminente.

01

O dom precioso da vida contemplativa só é para a-queles que são vis aos seus próprios olhos e que cultivam incessante e fortemente a graça, através das práticas do amor.

***

02

A suprema contemplação é a mais viva imitação de Deus entre os humanos.

***

03

A teologia mística, considerada em sua essência, não é outra coisa além de Deus percebido de uma maneira inefável por aqueles que são um com ele em plenitude de consumação. Nela, se vê a luz iluminante, saída da luz, não ser a luz, mas luz da luz, mostrando sua claridade, não aos seus possuidores, mas aos seus indigentes. É nis-

to que a profunda e suprema mística, em sua pura simplicidade, não admite nada fora do simplíssimo.

***

04

Para entrar nessa vida tão elevada, é preciso ter passado por vários estágios, que consistem, em seu conjunto, em uma perfeita purificação, em iluminação e em união. O primeiro estágio é um chamado do alto que estimula a alma a não ter nenhuma estima por todas as coisas criadas e, sobretudo, por ela mesma e a desejar ser para sempre o joguete de todo mundo. O segundo estágio consiste em um contínuo horror pela menor imperfeição. O terceiro é a indiferença pela qual se vive e se morre inteiramente submetido a Deus, aos seus superiores e a toda criatura humana, por mais vil que ela seja, sem nenhuma reserva de apetite natural, por mais sutil que ele seja. O quarto estágio consiste na prática ativa de todas as virtudes. O quinto é a disposição mais imediata à união divina. Deve-se chegar a ele quando, praticando o que acaba de ser dito, se sente tão profundamente atraído para o interior de si mesmo que se fica como que privado dos seus sentidos e morto para o uso deles. O sexto e último estágio consis-

te no inteiro abandono de si mesmo aos seus superiores, para lhes declarar os afetos, os movimentos, os desejos, os pensamentos e todos os sentimentos do seu coração.

***

05

Estes são, em resumo, os estágios da vida supereminente. A supressão do ativo no amor ultrapassado sucede o primeiro estágio de purificação, que consiste na morte do sensorial reflexo. O segundo estágio consiste na morte e na supressão do racional reflexo e o terceiro, na morte do espírito, realizada pela dolorosíssima ação divina, que, no começo do seu jogo ativo, faz a alma morrer nela mesma, sem luz. Em seguida, Deus exerce seu mesmo jogo ativo e dolorosíssimo com uma imensa luz, para comunicar à alma seus segredos em profundidade de distinção. A este estado sucede a iluminação pura, profunda, nua, isenta do sofrimento da ação divina, que só sabe e só conhece os êxtases de todo si mesmo fora de si mesmo no abismo do seu objeto, onde a alma não tem poder e nem desejo de expressar o que ela possui e o que ela é. Neste estado, quanto mais se ocupa com o exterior, mais a alma afunda no abismo que a arrebata, a dilata e a transforma

nele, sem distinção ou diferença, ao mesmo tempo em que ela desfruta de todo ele em sua unidade. Vem depois a consumação, que, na mesma unidade e no mesmo desfrute não é luminosa, nem profunda, nem simples, nem estática à maneira do estado precedente, mas que é tudo isto de uma maneira infinitamente mais perfeita, na mesma unidade, em quem ela é isto mesmo que é, tanto em simples percepção quanto na impercepção.

***

06

Devem ser distinguidos três estados para a perfeição da vida unitiva. O primeiro é purgativo, o segundo é iluminativo e o terceiro é consumador. E é preciso evitar entender estes estados como nas vias precedentes. O primeiro é luminoso e langoroso, tendo diversos estágios para sua perfeição. O segundo é luminoso e extático, tendo diversos estágios de iluminação. O terceiro, que é o estado supremo da consumação, começa quando, após diversos estágios de iluminação que arrebatam o sujeito em seu objeto plenamente percebido, como de profundeza em profundeza, de abismo em abismo, no meio de delícias inexprimíveis, essas percepções são totalmente fun-

didas em uma unidade acima da fecundidade. Este terceiro estado só chega à sua perfeição pela ação divina sobre a alma, ação que produz diversos graus de supereminente *consurrectioni*[8]. Tendo o espírito, enfim, chegado ao ápice, estando totalmente consumado em seu objeto beatífico, ele desfruta dele e do seu supremo repouso acima de toda percepção possível.

***

07

Antes de chegar aos estágios da consumação, é preciso que a alma atravesse provações inúmeras causadas, uma hora por indizíveis dores interiores, outra hora pela pobreza onde a deixam as fugas do Esposo, quando ele se retira da parte sensorial, pois ele jamais se retira do espírito; outra hora ainda, através de abstrações e, por fim, através de inefáveis iluminações que a extasiam profundamente. Quando esses êxtases cessam, quando a alma retornou à sua liberdade de agir, então começa o estado da consumação, de onde procedem também outros estados, para a inteira privação do fluxo perceptível e ativo de Deus, que extasia e arrebata a alma, com seus profundos

[8] Ação de se levantar junto (Gaffiot).

e incompreensíveis abraços e, com essas idas e vindas, simplíssimas, amplíssimas, luminosíssimas, sutilíssimas e dulcíssimas. Mas isto é incompreensível a quem não experimentou.

***

08

Depois que a alma sucumbiu ao seu poder e ao seu esforço amoroso, por ter sido tocada por Deus, sua majestade multiplica nela seus profundos toques e a penetra mais que nunca por atrações vivas e inflamadas por seu fogo amoroso, que devora e consome tudo o que é capaz de sustentar sua ação sem perder sua vida natural. Ela entra então em um estado de união, de visão, de prazer, de transformação, de repouso e de desfrute, bem diferente do precedente.

***

09

É incomparavelmente muito melhor ter a pura prática e a experiência do que a teoria mística. A teoria é vista e sentida como externa, enquanto que a altíssima prática reduz todas as coisas à unidade, com seu simplíssimo

fluxo amoroso, que, em sua uníssima simplicidade, perde todos os exteriores em uma suprema unidade de espírito.

***

10

A pessoa penetrada pelo fogo divino é tão deiforme que os próprios anjos ficam espantados, vendo que este resultado pôde ser obtido pela livre aplicação das forças prevenientes da graça em amar Deus sem descanso e em corresponder ao seu amor.

***

11

As nuas contemplações daqueles que não querem morrer continuamente para eles mesmos não passam de pura vaidade, complacência e presunção do espírito.

***

12

A alma que tem apego por algum exercício não está na disposição desejada para passar inteiramente para Deus.

***

13

Dentre aqueles mesmos que estão perdidos no a-bismo eterno de Deus, poder-se-ia encontrar um que, não tendo nada de ativo a fazer, quisesse viver em pura con-templação?

***

14

Aqueles que estão enroscados nas armadilhas es-condidas da própria imaginação não passarão jamais, como mortos, para a região do Deus infinito, que é a fonte viva de tudo o que está morto para sempre.

***

15

Quem não quer sofrer, por parte das pessoas, quan-do é preciso, falta claramente com seu amor e se ele é considerado como pessoa de soberana perfeição, tem-se um justo motivo de considerá-lo um mentiroso, um infiel e de julgá-lo cheio de amor-próprio, de falsas luzes e de trevas.

***

16

Reconhece-se se as grandes atrações e as fortes ocupações interiores são da natureza ou da graça pela perfeita quietude ou pela sutil inquietude.

***

17

Há almas cujo caminho é muito escondido e muito difícil. São pessoas amigas dos grandes exercícios praticados com imagens e figuras e que têm arrebatamentos, visões e revelações. Há aqui uma razão séria para duvidar e um perigo sério, por causa da grande conformidade que essas coisas têm com a natureza gananciosa.

***

18

Se aqueles que se conduz pela via supereminente do espírito negligenciam conscientemente a observância regular das pequenas coisas, isto é um sinal de que eles estão na pura natureza e não em Deus, pois isto não pode acontecer a uma alma apegada a Deus com um fixo e imóvel olhar.

***

19

Os perfeitos contemplativos ouvem sem admiração tudo o que sai dos eruditos, na medida em que eles são seus superiores na ciência eminente.

***

20

As delícias do contemplativo são ver que Deus não pode ser jamais compreendido e nem atingido pela alma consumada no amor.

***

21

Na via ordinária da meditação, o intelecto arrasta atrás dele a vontade, mas na via mística e contemplativa, a afeição arrasta o intelecto, sem querer partilhar com ele seu tesouro.

***

22

A vida mística aniquila imediatamente os sentidos e as forças da pessoa, de sorte que ela se torna logo simples e única no fogo do amor.

***

23

Na mais alta contemplação, a alma é divinamente transformada em Deus, acima de toda razão e apreensão, com nosso ser permanecendo sempre, pois acreditar o contrário seria algo estranho e totalmente absurdo.

***

24

Assim como o sono precede o repouso, da mesma forma, o êxtase precede o soberano repouso da contemplação. Mas há um tão grande deserto para se ultrapassar, que muito poucos chegam ao objetivo.

***

25

Todo aquele que quiser sair do repouso da contemplação de forma inadequada permanecerá infalivelmente tomado de amor por si mesmo. Se o desejo inquieto por Deus e pelo martírio não vale nada, o que será de todas as outras imagens? Se então você admite alguma coisa em você, isto deve ser o desejo pela verdadeira mortificação,

a humildade, o desprezo, a renúncia, suposto que seja segundo a ordem, amoroso, doce e tranquilo.

***

26

Há vários graus no estado de desfrute da quietude. O último é ser possuído sem sofrimento, ao menos comparativamente às mortes precedentes e, no entanto, este grau mesmo tem sua morte, mas fácil de suportar, tanto porque a alma está toda consumada no fogo do amor mítico, quanto por causa da força que lhe é comunicada por isto.

***

27

Como aqueles que são perfeitamente simples não conhecem o meio, se comunicar com as pessoas não lhes convém de forma alguma, pois eles atravessaram a região das criaturas e passaram totalmente para Deus por via do amor e da transformação mística. É preciso deixá-los viver como o que não é, de forma alguma, próprio para a terra, embora seus corpos aí vivam, para grande desgosto do espírito.

***

28

Onde Deus vive em si e por si, a criatura não existe mais. Ela está tão aniquilada em Deus que não deseja e não pode desejar falar ou ouvir qualquer coisa do mundo, mesmo pertencendo à soberana contemplação, pois, se se deseja alguma coisa, não se está essencialmente perdido ou, pelo menos, não se está inteiramente em sua superessência, onde não há virtude, a não ser exemplarmente; não há amor, a não ser essencialmente; não há essência, a não ser superessencialmente, sem distinção e nem diferença perceptível.

***

29

A alma contemplativa e que está consumada no amor deve ser extremamente reverenciada, pois ela não tem nada de impuro. Vivendo em Deus, de Deus mesmo, ela é mais brilhante do que mil sóis.

***

30

Se o fluxo divino produz uma felicidade grandíssima nas almas de menor capacidade, qual não será o prazer, qual não será a alegria divina naquelas que estão no próprio mar dos divinos fluxos, ao fundo do qual elas vão mergulhando no abismo até uma total transformação!

***

31

Aqueles que estão totalmente absorvidos no amor infinito de Deus não devem estimar muitos os pensamentos que os movem suave e santamente, mas devem, pela sua ação em Deus, amorosa, simples, habitual, seguir seu caminho além do tempo, da eternidade e deles mesmos.

CAPÍTULO 22

A morte mística da alma em Deus.

01

Antes que a alma se veja desfalecer totalmente em sua operação em Deus, é preciso que ela sofra os profundos e mortais rigores de uma humildade fervorosa em um

tempo e mais que fervorosa em outro, na nudez, renúncias, mortes, resignações, indiferenças e outras semelhantes vias, sem nenhum apoio e sem consolação. Não se conseguiria expressar o quanto ela sofre em cada um destes estágios.

***

02

O prazer de Deus é nos aniquilar por completo e este aniquilamento é tanto mais verdadeiro quanto menos o sentimos, por causa das horríveis trevas em que estamos mergulhados e dos maus efeitos que sentimos dentro de nós.

***

03

As mortes são diferentes nos perfeitos e nos imperfeitos, pois elas correspondem sempre ao grau do espírito.

***

04

É uma excelente morte se ver privado do bem que não se pode fazer. É mais meritório ainda não poder sofrer o que muito se desejaria sofrer.

***

05

Aqueles que não querem ultrapassar a região dos sentidos e que desejam sempre ver onde repousar não entrarão jamais nos segredos da ciência mística, embora eles possuam esta ciência e tenham mesmo o gosto pela leitura dela.

***

06

As práticas do verdadeiro amor exigem espíritos vigorosos em amar e que não se cansam jamais de agir, de sofrer e de morrer neste penoso, mas agradável trabalho do amor, pois os diversos estados, seja de desfrute, sejam de dor e de paixão, seja de morte assustadora, são em tão grande número que é impossível poder expressar o que são.

***

07

Na medida em que se sobe os altos degraus do amor, os desfalecimentos, as privações e os langores são mais penosos e parecem intoleráveis. Quanto mais a alma foi afogada na torrente das claridades e das delícias divinas, mais ela conheceu, por experiência, a infinita amabilidade de Deus e isto aumenta o peso das suas cruzes mortais e da pobreza a que ela se vê reduzida pela ausência deste Deus, objeto de sua felicidade, pois o mais curto momento de desunião perceptível entre estes dois amantes, igualmente arrebatados de amor um pelo outro, é uma morte cruel.

***

08

Morrer em Deus é não se apegar a nada de particular e nem a nenhuma luz própria, por mais sutil que ela seja, pois toda luz que recebemos com apego inquieta sutilmente seu sujeito e o faz refletir sobre ele e sobre os outros.

***

09

Somente a pessoa perfeitamente abstraída e realmente morta conhece todos os espíritos e os diversos caminhos de cada um.

***

10

Quem não sabe se doar e morrer espiritualmente acima de todo exemplo e toda imitação não ultrapassará jamais os sentidos, o temor, a vergonha e a razão, pois quem vive só de exemplos é extremamente fraco em matéria de virtude.

***

11

O verdadeiro espiritual deve deixar todas as coisas serem o que elas são propriamente, sem se envolver com elas, se isto não lhe diz respeito por obrigação ou condição. Se aquele que está inteiramente morto deve agir assim, quanto mais aquele que chegou ao nada!

***

12

Não apenas a alma generosa, que só se compraz em morrer em Deus, é vitoriosa sobre seus inimigos, mas ela os converte nela mesma, em seu puríssimo amor, para sujeitá-los com ela inteiramente a Deus.

***

13

As pessoas se livram da cruz e alguns espirituais chegam mesmo a justificar isto como sendo a vontade de Deus. Que coisa deplorável! Ser verdadeiro só até certos limites é não fazer nada. É preciso sempre doar a Deus e lhe imolar sua vida em uma contínua agonia, sem esperança de alívio e de consolação. Se os santos não tivessem vivido nesta contínua agonia, Deus não seria tão glorioso neles e nem nele.

***

14

Morrer e expirar em Deus é se tornar imóvel, sempre igual a si mesmo e isto, mesmo nas coisas mais difíceis.

***

15

Aquele que não está morto para seu próprio espírito não é digno de ser chamado de religioso de uma ordem religiosa qualquer.

***

16

Não se deve olhar tanto para o que Deus fez em nós quanto para o que ele deseja de nós, para que, em todas as coisas, nós nos adequemos perfeitamente à sua divina vontade, em eminência de ação e em supereminência de morte.

***

17

Só o verdadeiro moribundo ou o verdadeiro morto pode sustentar o verdadeiro repouso, que é consequência do olhar divino. Só a pessoa fiel em morrer pode sustentar o esforço dolorosíssimo e quase insuportável da simples ociosidade.

***

18

Na medida em que a alma se consuma através das mortes místicas, que parecem ter que suprimir nela toda a vida da natureza, a quietude se lhe torna mais fácil, porque ela está mais forte para sustentá-la.

***

19

O morto deve permanecer em seu túmulo, desfrutando lá, sábia e plenamente, de sua vida divina em sua simplíssima e eminentíssima quietude.

***

20

O verdadeiro sábio se examina sobre as menores desordens, se observando fielmente. Sente-se muito bem que não se pode jamais se encolher suficientemente segundo a exigência das práticas do verdadeiro morto, que são permanecer em seu túmulo enquanto se caminha sobre ele.

***

21

A diversidade de estados nas pessoas espirituais consiste em que nem todos estão igualmente moribundos.

***

22

Falar de assuntos espirituais em termos simples é coisa doce à pessoa verdadeiramente simples, mas ela dá mais valor à sua morte em seu próprio deserto do que tais delícias obtidas no exterior.

***

23

A verdadeira santidade é puro espírito, amor eminente e profunda renúncia. Aqueles que possuem a santidade entendida desta forma, sendo desconhecidos como são, só tem que seguir seu caminho através de seu deserto solitário e escabroso, morrendo para todos os dons de Deus e mergulhando cada vez mais, não apenas em suas próprias profundezas, mas também na unidade superessencial de Deus, por meios inefáveis fora de qualquer meio.

***

24

É naqueles que morrem de morte contínua que Deus coloca seu paraíso e sua honra na terra.

***

25

Mesmo que a alma seja arrebatada cem vezes ao dia, se ela não for fiel nos combates e nas dificuldades que são duradouros, onde é preciso sofrer e morrer em amor nu, ela ainda está nela mesma. A perfeição da alma consiste em seguir, despojada de tudo, seu Deus nu na cruz.

***

26

Os mártires do amor atravessaram em suas vidas, ao menos em espírito, todos os desertos assustadores e pavorosos de mortes incomparáveis.

***

27

Há dois tipos de santidade. Uma é ativa e a outra é nua, puríssima, separadíssima dos sentidos e desconhe-

cida muitas vezes até mesmo daquele que a possui. Esta consiste mais em morrer simples e nuamente, mesmo para toda ação e todo sofrimento corpóreo do que em agir perceptivelmente ou mesmo espiritualmente. Não se pode esperar nada de visível de uma vida assim e somente aqueles que a levam e seus semelhantes podem conhecê-la, visto que eles ultrapassaram todo caminho e toda prática humana, tanto em ação quanto em paixão.

***

28

Há uma grande diferença entre o agir, o sofrer e o morrer. O agir alegre é para os iniciantes, para aqueles que começam na vida espiritual. O sofrer em ação é desejar e consequência dos verdadeiros avançados, daqueles que estão muito adiantes na arena do amor. O morrer perpétuo na paixão e no sofrimento, suprimindo o fundo radical da alma para sempre, é somente para os perfeitos.

***

29

Os moribundos devem viver como se só houvesse Deus e eles. Com este meio, eles se verão mortos mais cedo do que pensam.

***

30

Todo aquele que se submete a Deus como seu instrumento inútil, Deus faz nele suas maravilhas mais elevadas e mais desconhecidas.

***

31

Dentre os amigos mais íntimos de Deus, alguns são atormentados no espírito e no corpo e outros são abandonados, deixados sem sentimento, sem consolação, sem conhecimento no espírito, de sorte que, em seus langores, escapam deles algumas palavras excessivas, estranhas, que os fazem serem tidos como insensatos. Mas aqueles que passaram por este triste e assustador deserto julgam isto diferentemente. Esses excessos expressam a veemência dos tormentos de amor que eles suportam e que su-

primem a vida neles radicalmente, de uma maneira inconcebível.

***

32

Às vezes, quanto mais se torna espírito, menos se tem poder contra si mesmo e a parte inferior se revolta tanto contra a superior que se acredita estar perdido, com a alma só podendo imaginar que é Deus quem emprega este terrível meio para terminar de purificá-la de suas mais ocultas propriedades. Se não se for fiel em sustentar este mortal estado, através de um forte e constante sofrimento, se convencendo de que jamais se esteve em um estado melhor, se descerá, seguramente, deste estágio onde se está e se a alma retornar aos seus exercícios exteriores para afligir seu corpo, que lhe parece causar esta guerra, ela se sentirá em torturas mais violentas do que nunca. Este estágio é comumente o último do apetite ativo e se começa então a passar para uma região passiva e mística.

***

33

Para chegar à total transformação da criatura em Deus, é preciso que a criatura esteja morta para seu viver, para seu sentir, para seu saber, para seu poder e para seu morrer, vivendo sem viver, morrendo sem morrer, sofrendo sem sofrer, se resignando sem se resignar.

***

34

Não se comover com nada é estar agradavelmente morto. Mas, eu não sei se é possível encontrar alguém que esteja assim, porque nossa vida jamais é radicalmente suprimida e não pode sê-lo.

***

35

Se houvesse alguém tão fiel ao seu dever que teria inteiramente passado pela região dos moribundos __ fiel, eu digo, a ponto de as mortes profundas e contínuas terem radicalmente suprimido nele a vida própria no fogo amoroso da penosa e consumadora tribulação, tanto de espírito quando de corpo __ esta seria uma alma tão excelente e tão rara neste mundo que dificilmente se conhe-

ce uma só delas, infelizmente! Hoje em dia, toda oportunidade nos faz passar para a vida da natureza e sempre queremos sentir, agir e viver para sermos vistos e estimados pelas pessoas.

***

36

A excelente santidade nas pessoas é desconhecida, na medida em que é preciso continuamente expirar em Deus, de sorte que, na medida em que elas são mais elevadas e mais purificadas, suas mortes se tornam mais sutis, mais agudas, mais profundas e produzem, na dor que elas causam, efeitos mais terríveis no exterior. Assim foram as mortes e as dores de Jó.

***

37

Os fiéis amorosos que conhecem o amor mais por tê-lo praticado no exercício de uma morte contínua do que por tê-lo conhecido e sentido estão tão perfeitamente sujeitos a Deus em todos os eventos de morte que eles não sabem se vivem neles ou em Deus.

***

38

A alma bem fundamentada na via do puro amor não deve, no tempo dos seus langores e das suas grandes desolações interiores, buscar consolação nas criaturas, como se queixar a alguém ou fazer alguma leitura espiritual. Isto seria se livrar secretamente da forca amorosa.

***

39

Não se poderia, em nenhum caso, ter tanto prazer em ferir e afligir as almas realmente simples quanto elas têm em sofrer e em morrer.

***

40

As delícias do Divino Esposo são ver suas castas esposas imoladas para ele até na indiferença da suprema pobreza de espírito.

***

41

A felicidade dos sublimes contemplativos, quanto a eles, está toda na morte deles, na consumação total deles, na medida em que isto é possível em uma criatura.

CAPÍTULO 23

A sabedoria divina.

01

A sabedoria, propriamente, é um mar sem fundo e nem margem, que, em sua simplicidade, vê todas as coisas única e diversamente. Quem lhe dará limites?

***

02

Nossa sabedoria não é como a dos antigos filósofos. Ela é divina e não a buscamos através da especulação, mas através da estreita união de nossos corações a Deus, de quem recebemos excelente e abundantemente o amor e a sabedoria como uma só coisa. Ela nos faz agir em toda parte com uma prudência digna dela, que tempera divi-

namente tudo o que sai de nós e nós jamais saímos dela, assim como também de Deus, pela mínima extroversão.

***

03

Não se pode receber a sabedoria divina antes de ter ultrapassado o temor, os sentidos e a razão.

***

04

Cada coisa tem prazer relacionado ao que é. As pessoas sábias têm prazer pela sabedoria divina e a carne só tem prazer com a carne.

***

05

A sabedoria divina é o chicote dos tolos.

***

06

Ninguém se tornou ou se tornará espírito puro simplesmente aprendendo ou por ter aprendido. Mesmo que seja verdadeiro que a ciência mística dispõe a pessoa para se tornar espírito.

***

07

Ainda que a eloquência humana pareça doce àqueles que não têm experiência com os caminhos do espírito, aqueles que são, mesmo que pouco, penetrados pela sabedoria observam imediatamente o quanto ela difere desta.

***

08

Onde falta a prudência, nenhuma virtude verdadeira é encontrada.

***

09

A prudência age em um só ato de compreensão sobre o passado, o presente e o futuro.

***

10

O sábio que se deixa levar pelas hipérboles trai a ele mesmo e se mostra muito fraco de espírito e sem atenção aos seus movimentos.

***

11

A prudência daqueles que são sábios aos seus próprios olhos é sempre acompanhada de paixão ou de razão apaixonada, mas a prudência dos simples faz sempre aparecer com evidência a divina sabedoria e é simples, luminosa, isenta das paixões coloridas da razão.

***

12

A sabedoria divina toca profundamente e atrai para ela os corações humildes e dóceis que lhe são inteiramente submissos e ela os enche com sensações saborosas.

***

13

A maior parte das pessoas vive de opinião e só julgam segundo os sentidos e a imaginação. É realmente sábio quem julga as coisas como elas são de verdade.

***

14

As pessoas simplesmente morais têm desgosto com o simples fluxo da sabedoria divina, porque não residem dentro deles com uma morte completa.

***

15

Os eruditos não podem alcançar, com seu raciocínio, o inteiro conhecimento de Deus. A fé limita a ignorância deles, mas não a curiosidade. Para os temas eternos, eles são temporais, porque não podem ultrapassar a eles mesmos e nem o tempo, com o esforço da sua destreza ativa. Isto está reservado à simples e saborosa sabedoria que, com suas operações, eleva seus filhos à eternidade e lá, o conhecimento deles é eterno e a fé deles é quase a mesma coisa que o amor.

***

16

Nas ciências naturais, a teoria precede a prática. É totalmente o oposto na ciência mística.

***

17

As obras e as palavras das pessoas espirituais devem ser examinadas segundo o espírito de sabedoria e de simplicidade.

***

18

A sabedoria não é forçada em suas práticas. Ela é séria sem ser afetada. Ela conhece as mais sutis buscas da natureza e a diferença que há entre seus movimentos e os da graça. Ela se acomoda luminosa e prudentemente a todos, sem perder nada de seu.

***

19

Os santos doutores estudaram, mas santamente e Deus lhes deu, por infusão, mais doutrina do que eles adquiriram pelo estudo. Uns estudaram para Deus e em Deus e dedicaram um tempo notável à contemplação simples das coisas divinas em simplicidade totalmente perdida e como que se eles tivessem ignorado todas as coisas, para terem um mais fácil acesso junto a Deus.

***

20

Desfruta-se da sabedoria nas palavras e nas ações do sábio, pois, como ele governa, como senhor, suas paixões, suas emoções e seus movimentos, aparece em suas ações como que uma água calmíssima na qual se vê manifestamente reluzir a sabedoria.

***

21

É próprio dos sábios fazer muito e falar pouco.

***

22

Não é uma pequena ciência para os sábios saber reportar todas as coisas a Deus e pesá-las na balança dos seus profundos julgamentos.

***

23

Um efeito próprio da sabedoria não é tanto convencer quanto tocar o coração e estimulá-lo.

***

24

As pessoas eruditas que se tornam místicas são grandemente valorizadas, mas elas são tão raras como a fênix.

***

25

As ações interiores dos sábios, em quem Deus age, invés deles mesmos agirem, são muito ordenadas em número, peso e medida. O exterior lhes é uma morte cruel.

***

26

Ao se doar inteiramente a Deus, não faltará conhecimento suficiente vindo dele, nem mesmo toques radiantes do seu luminoso e delicioso amor, pelo qual se receberá abundantemente a sabedoria mística divinamente infusa.

***

27

Há uma santa e excelente ignorância que torna seu sujeito simples e desconhecido para ele mesmo pelo discernimento não necessário de seus movimentos, na medida em que sua ocupação atual está em Deus e não lhe permite nenhuma reflexão sobre isto, menos ainda sobre qualquer outra coisa.

***

28

Os verdadeiros sábios estão tão longes de refletir, que é como se eles jamais tivessem vivido na carne e eles avançam sempre, iluminando como verdadeiras tochas em suas vidas.

***

29

A razão iluminada pela sabedoria é uma alta elevação, uma simplíssima constituição do espírito nos esplendores eternos, de onde ela olha eminentemente e simplesmente, com uma penetrantíssima visão do espírito e um olhar simples, tudo o que lhe é inferior e que pertence à sua via própria.

***

30

O discernimento é consequência de uma razão iluminada que prevê, com sua visão simples e penetrante, todas as circunstâncias de uma ação. Esta virtude não se aprende e não procede do exterior, mas somente do interior.

***

31

A divina sabedoria torna a pessoa simples, uniforme, espiritual, totalmente recolhida e, no entanto, grande e amplamente dilatada em espírito e em luz, acima de todas as espécies perceptíveis.

***

32

Entender, penetrar e superar todas as coisas criadas e a si mesmo, estas são as sólidas consequências da sabedoria.

***

33

A sabedoria divina é simples. Ela tem uma maneira de convencer viva, suave, eficaz. Ela toca saborosamente o coração e condensa todas as forças do coração em sua unidade.

***

34

As tempestades não se aproximam do céu sereníssimo de uma alma realmente sábia e, embora ela esteja nuíssima e abandonadíssima, às vezes, as tormentas ficam e rugem do lado de fora.

***

35

O espírito da divina sabedoria preenche suavemente, domina fortemente, aquece vivamente e ilumina excelentemente aqueles que se deixam conduzir por ele.

***

36

As pessoas profundamente perdidas em Deus não se julgam infalíveis em suas opiniões, sabendo que elas po-

dem ignorar circunstâncias muito sutis. Daí vem que elas são muito lentas em julgar e em se decidir sobre as coisas importantes.

***

37

Os verdadeiros sábios são lentos em seus propósitos, temerosos em seus empreendimentos, cheios de ordem, de prudência e de conselho em tudo o que eles fazem e, nas coisas precipitadas, se percebem que se deram mal, eles sabem admitir e parar, para a glória de Deus, sem se apegaram à honra deles, sabendo o quanto é importante se curvar humildemente invés de se quebrar. São eles que fazem a experiência das palavras do Sábio: *Tímidos são os pensamentos dos mortais e incerta a nossa providência*[9].

***

38

O sábio deve aprofundar e tomar cada coisa na medida em que ela o merece. Aqueles que reverenciam a di-

[9] Sabedoria 9: 14.

vina sabedoria não consideram nada pequeno, para o qual não busquem ou forneçam um remédio.

***

39

É próprio da divina sabedoria ver os espíritos por uma visão e uma penetração do espírito, segundo a simples e ativa vivacidade de um olho simples. Aquele então que, logo à primeira vista, por assim dizer, não penetra os temas do espírito que encontram, não é simples e nem espiritual nisto.

***

40

A alma santa, com abundância de sabedoria, ama todas as coisas segundo o grau de bondade e de santidade que elas possuem e não segundo a aparência delas.

CAPÍTULO 24

A abstração.

01

Nossos abatimentos procedem do fato de que não praticamos a abstração perfeitamente.

***

02

É preciso que todas as nossas ações sejam pesadas na balança do discernimento e da sabedoria divina e que façamos abstração das ações e das palavras vãs, fúteis, levianas e falsamente livres, vendo tudo isto sem ver, como algo que não nos diz respeito.

***

03

Não se deve acomodar o coração a todas as palavras que são ditas. É preciso deixar passar muitas através da abstração, como se não ouvíssemos nada.

***

04

Poucas pessoas são realmente abstraídas de tudo o que não é puro. Junta-se muitas vezes alguma coisa de profano ao espiritual.

***

05

Todo aquele que não é verdadeiramente abstraído em total perda de si mesmo não é capaz das luzes e das verdades do espírito, mas aqueles que vivem abstraídos de todas as coisas, tanto internas quanto externas, são capazes de julgar plenamente os diversos movimentos e sentimentos do espírito.

***

06

Aquele que não é abstraído do visível e do perceptível permanecerá sempre apegado a ele mesmo e não desfrutará jamais da verdadeira liberdade do coração e do espírito, na medida em que as frequentes desordens das criaturas se oporão incessantemente aos seus propósitos; ou melhor, a Deus mesmo, nele.

***

07

Há vários tipos de abstração. Aqueles que são morais são abstraídos no mais alto da razão. As pessoas realmente espirituais o são sobrenaturalmente, no mais alto

do espírito. Mas os mais perfeitos o são também mais nuamente e mais simplesmente, sendo totalmente essenciais.

***

08

São raros aqueles que não se ocupam com nada externamente, a não ser prudentemente e em coisas que lhes dizem respeito por obrigação. Eles transformam em glória escutar muito e falar pouco e se dedicar à própria santificação em profunda atenção e abstraídos do exterior, do qual eles só têm os sentidos atingidos.

CAPÍTULO 25

A aspiração.

01

A aspiração não é somente um colóquio afetuoso, embora, propriamente, tal colóquio seja um bom exercício e até a aspiração provenha dele. É uma pontada amorosa e inflamada no coração e no espírito, pelo qual, a

alma, superando ela mesma e qualquer coisa criada, vai se unir estreitamente a Deus.

***

02

É preciso que o contínuo exercício da aspiração suceda a meditação e a oração afetiva e fácil. Eu digo afetiva e fácil, para mostrar que não é aqui que é preciso encher o intelecto de curiosidade e que o intelecto, tendo representado as obras divinas e as tendo conhecido suficientemente, deve dá-las à vontade, para que ela se inflame por elas e se alimente delas.

***

03

A via da aspiração amplamente exercitada por um familiar, respeitoso, fácil e amoroso colóquio que eleva a alma a Deus é tão boa que logo, ao se tornar por ela amoroso do amor, se chega ao ápice da perfeição.

***

04

É importante que o exercício da aspiração, que, em sua mais ampla extensão, apresenta diversos graus, não seja abordado muito cedo.

***

05

Aqueles que se beneficiam notavelmente nas vias místicas estão logo prontos para o exercício da aspiração, especialmente se eles são de uma natureza afetiva, pois certos espíritos não são jamais próprios para ela, se ocupando com Deus e em Deus pela santa e amorosa especulação, que é, ela também, uma excelente via mística.

***

06

Pela aspiração essencial, propriamente, em sua causa e em seu efeito, se ultrapassa todo amor sensorial, racional, intelectual e compreensível e se chega, pela impetuosidade do espírito de Deus e por seu esforço, à união divina, a uma união que se opera por uma súbita transformação do espírito em Deus.

***

07

O amor produzido pela aspiração é tão forte em certas almas que a vontade entra totalmente sozinha no seio amoroso de Deus, que ela desfruta acima de toda compreensão e de toda expressão, enquanto que o intelecto permanece na porta, como que espantado e suspenso em sua ação. Trata-se de um fluxo amoroso que inunda vivamente, arrastando, arrebatando, cobrindo com suas vagas, no meio das quais a alma é o próprio Deus, seu espírito, sua divindade, na medida em que uma criatura pode sê-lo nesta vida. Nesse delicioso mar, nada é passado, nem futuro e nem mesmo eterno; tudo nele é presente.

***

08

Trate de abordar de bem longe as vias divinas do amor, através de colóquios amorosos, se estimulando a amar o amor nele mesmo, acima de todos os seus efeitos de amor na natureza, na graça e na glória.

***

09

O que é preciso, particularmente, evitar, no início do exercício da aspiração é o esforço muito grande, não somente da cabeça, mas também do coração. Isto poderia tornar a alma inábil para este nobre exercício, que é um meio muito fácil e muito poderoso para a criatura chegar a ser unida ao seu Deus, com uma união além da união, se é que se pode falar assim.

Exercício de aspiração

Para uma alma que começa a buscar e a desfrutar de Deus interiormente.

Que negócio fizestes, ó meu Deus! Criar o universo, já que não sois, com isto, mais feliz em vós mesmo.

Não vos bastava vós mesmo para vossa beatitude infinita, sem vos comunicar, através da criação, a tantas e diversas criaturas que sabeis, em sua maior parte, jamais se beneficiarão dela?

Ó bondade! Ó amor imenso! Desejastes tirar essas criaturas de vossas divinas e eternas ideias e colocá-las em evidência para elas mesmas para vos conhecer, vos amar e agir sempre conforme vosso amor.

Vós as criastes para vos conhecer e vos amar acima de tudo, com o dever de permanecerem, por este meio, sempre ornamentadas com vossa divina semelhança, na qual consistem vossa beleza e vossa perfeição sobrenaturais.

O que é isto, ó Amante dos seres humanos e dos anjos? Que distância há entre o ser e o não ser e esse nada, de onde o mundo, tão grande, tão perfeito que ele é, foi tirado?

E se o anjo tem motivo de se maravilhar com isto, quanto mais nós, cuja natureza é tão inferior à natureza angélica!

Somos as consequências admiráveis do vosso estático e extasiante amor e, no entanto, quantas pessoas vivem contentes e pacíficas no bem estar natural delas, sem jamais pensar em vós, que sois o ser e todo o bem delas!

E eu, Senhor, o que sou? De onde me tirastes com a criação e a redenção, se não foi do barro, da corrupção, da terra, onde eu era mais pobre do que a própria pobreza quanto a verdadeira compreensão e a operação do amor? E isto, Senhor, para me fazer sentar entre os príncipes do vosso povo escolhido!

Ó amor! Ó bondade! Ó misericórdia imensa! Ó majestade infinita, que preenche tudo e que santifica toda pessoa que vem ao mundo e que não ama o mundo!

Quem vos dará limites somente ao que fizestes em mim?

Ninguém, Senhor! Ninguém conseguiria fazê-lo.

Se eu quisesse fazer um relatório diante de vossa majestade dos benefícios da natureza, quanto eu não deixaria no esquecimento das verdades e dos motivos dignos de admiração!

Se eu quisesse levar em conta também os bens recebidos no ser da graça __ sem falar das benesses comuns da segunda criação, do batismo e da eleição __ como eu procederia, visto que tenho tão pouco mérito e posso merecer tão pouco sem vossa graça especial e sem vosso amor?

Ó, meu Amor e minha Vida! Eu fico mudo em minha admiração, visto que não tenho nada que seja meu! E se tenho alguma coisa __ eu quero dizer, de mim mesmo __ eu sou tão pobre e tão corruptível que vou mergulhando continuamente no abismo de toda corrupção que é o pecado.

Mas, ó minha cara Vida! Já que destes a mim mesmo a mim mesmo, com meu livre arbítrio, por isto mesmo eu me dou a vós, em puro e eterno holocausto, na medida em que isto é possível e lamento infinitamente ter vos conhecido tão tarde e tão tarde vos amado, ó Verdade tão nova e tão antiga!

Ó como as criaturas me *repetem sem cessar: "Onde está teu Deus?"*[10] E eu não lhes respondo como é adequado fazê-lo! Pois vós estais em mim como em seu próprio reino e eu nem sempre soube disto com um conhecimento e um amor eficazes.

Ah, pode-se imaginar uma miséria maior do que viver por si mesmo, sem entender o amor perfeito e sem agir segundo este amor?

O que é isto, ó minha Vida, o que me dissestes, que eu fosse perfeito e santo[11] como vós sois e que eu, de forma alguma, me dediquei a isto, como se não tivesse ouvido?

Mas, meu caro Amor! É agora que, lamentando, não em mim, mas em vós, a perda que eu me causei, eu desejo colocar vigorosamente as mãos em obra e eu o farei sem

---

[10] Salmo 41: 4.
[11] Levítico 11: 44, 19: 2 e 20: 7; Mateus 5: 48; João 17: 23 e 1 Pedro 1: 16.

remissão, sem indulgência para mim mesmo. Sim, eu quero retornar a vós com todas as minhas forças internas e com todo meu coração, para vos amar eternamente, a qualquer preço que seja.

Infelizmente, infelizmente, meu caro Amor, meu coração foi, no passado, continuamente agitado como um mar em fúria! Eu vivia instável, sem quietude! Eu ignorava a causa da minha miséria!

Ó minha Vida! No que se torna então o coração que não se dedica a vos amar, se não é um receptáculo de todo tipo de ladrões que disputam seus farrapos? De sorte que, a pessoa assim violentada pelos hóspedes que ela guarda voluntariamente nela mesma é miserável acima de toda miséria, em seu cativeiro.

Ó mil e mil vezes inconcebível miséria humana! São tão miseráveis quanto mais se deleitam em sua triste servidão!

Ó meu Amor e minha Vida! Já que, por vossa misericórdia, a rede se rompeu e estou livre daqueles que me arrastavam para a perdição, fostes vós, vós que me fizestes isto, que eu quero amar com um amor soberanamente perfeito, um amor forte, um amor excelente.

Mas, ó meu Deus! Na medida em que me dispus a desconfiar de mi mesmo, nesta mesma medida eu me confio à vossa bondade para chegar a este objetivo.

CAPÍTULO 26

A simplicidade.

01

A simplicidade é a morte de todo apetite natural, refletido sobre ele mesmo, tanto segundo os sentidos quanto segundo a razão, o que faz com que o verdadeiro simples olhe as coisas, não segundo a aparência delas, mas segundo o que elas são de verdade. Ele é sem artifício e nem afetação para tudo acreditar, sustentar e suportar, principalmente porque ele está totalmente perdido em Deus.

***

02

A simplicidade é uma inclinação amorosa, na alma elevada bem alto, para Deus, que a atrai eficazmente para suas profundezas e lá reduz todas as suas forças a uma

unidade de espírito, para que ela viva nela abstraída, nua e essencialmente, com um simples e moribundo vigor, sem apetite perceptível para raciocinar e nem refletir sobre alguma ordem ou desordem que seja, de sorte que ela está sempre perdida na eternidade simples de Deus, se ela é tal como eu a suponho.

***

03

Há três estados de simplicidade. O primeiro é estar morto de tanto fluir em Deus com sua ação nas forças. O segundo é não querer refletir sobre os objetos mais simples do espírito, para raciocinar sobre eles com um propósito deliberado, se a coisa não nos diz respeito por obrigação. O terceiro, que responde completamente ao espírito, faz, não apenas o que está acima, mas também mantém seu sujeito morto acima de toda apreensão e todo conhecimento. Ele o mantém estável e pronto para suportar tudo de uma elevadíssima e fortíssima maneira, não saindo jamais disto, seja pelo que for.

***

04

O primeiro estado de simplicidade diz respeito puramente à ação. O segundo diz respeito à ação e ao sofrimento juntos. O terceiro se reporta ao puro e mortal sofrimento segundo a raiz mais íntima e a mais vital da alma, que morre em indizíveis dores, sem desejar sair delas.

***

05

A natureza falsifica algumas vezes a verdadeira simplicidade e o amor natural, refletido somente sobre ele mesmo, toma as formas que quer. Mas ele não pode o que ele não quer, ou seja, renunciar a ele e ao seu interesse, particularmente quando ele é ferido em sua honra. Se acontecer de ele suportar isto, nunca será mais do que por pouco tempo.

***

06

A simplicidade que não é natural é geralmente acompanhada de baixeza de espírito, de vergonha e de teimosia.

***

07

A simplicidade do amor sensível sai, quando há necessidade, para se espalhar pelas criaturas. Aqueles que o possuem se assemelham a rios que transbordam de amor, de doutrina, de luzes cuja doçura é inefável, mas a simplicidade do amor de pura caridade não se afasta jamais dela mesma, morrendo, expirando sempre na unidade do seu objeto.

***

08

Os políticos são hábeis em fingir em tudo e têm mil desvios para chegar aos seus fins. A vida deles está nas honrarias e nos elogios. Eles buscam atingir os afetos dos grandes e preferem sempre os seus interesses aos dos outros.

***

09

É impossível que, com os frequentes toques de Deus, a alma não se torne simples, se ela for fiel.

***

10

A delicadeza, a duplicidade, a simulação, o espírito policialesco e o respeito humano são o inferno das almas simples.

***

11

A simplicidade ativa, pela qual se é verdadeiramente simples, em seu delicioso sabor, é apenas a entrada para a perfeita simplicidade, que só se possui perfeitamente em um estado nu e passivo de verdadeira morte e de privação das influências divinas.

***

12

Todos os esforços das almas simples têm por causa a resolução que elas têm de morrer mil mortes invés de ficar ao lado dos seus sentidos.

***

13

Ainda não é simples aquele que, na ação, se sente dividido e multiplicado pela atração das espécies.

***

14

O Salmista disse, falando em nome das almas simples: “Porque sou sem ciência, eu me dedicarei ao estudo de todas as poderosas obras de Deus”.

***

15

São realmente simples aqueles que, na conversa, não se importam de forma alguma com eles mesmos e deixam que toquem suas profundezas e suas honras sem resistência e com alegria, refletindo sobre Deus e não sobre eles mesmos.

***

16

A simplicidade divina mantém o olho do intelecto tão continuamente aberto que seu sujeito só age sempre

com uma luminosa caridade, com prudência e discernimento, edificando, com isto, todo mundo.

***

17

É próprio da profunda simplicidade manter seu sujeito verdadeira e perfeitamente morto para todas as coisas e impedir que ele se comova com os acidentes externos.

***

18

A pessoa realmente simples só ri com seriedade e modéstia, sem prejudicar sua contínua abstração.

***

19

A pessoa cuja natureza reformada permaneceu, no entanto, muito ativa, não chegará jamais ao ponto da perfeita simplicidade, na medida em que ela vagueia sempre pelo exterior, através de imagens e figuras que vivem muito nela. Se ela se abstrai dos sentidos de alguma maneira, é imaginariamente, misturando sempre, em seu

interior, coisas cujas espécies a tornam semelhante a um mar agitado.

***

20

É próprio da pessoa realmente simples ver tudo por antecipação e por uma penetração da santa luz que a ilumina. Ela age sempre com uma liberdade divina. Ela jamais zomba de alguém, sob o pretexto de se divertir honestamente. Por fim, ela evita parecer erudita sobre qualquer assunto que seja, exceto em algumas circunstâncias, falando do que ela sabe, mesmo de ciência adquirida, simplesmente, luminosamente e essencialmente, em total abstração de toda ciência.

***

21

A pessoa realmente simples acredita em todas as coisas simplesmente, sem sair de sua unidade, se a razão iluminada não a leva a agir diferentemente.

***

22

A alma consumada na simplicidade jamais age no exterior contra a ordem indicada por uma razão profundamente iluminada, pois a verdadeira simplicidade não pode suportar, por pouco que seja, o que lhe é contrário, como são as trevas e as falsas luzes.

***

23

Nada acontece jamais aos verdadeiros simples que lhes cause admiração.

***

24

As mortes de uma alma, segundo seu nível, são a marca e a prova da sua simplicidade.

***

25

A simplicidade é uma luz infusa de Deus na alma, que, crescendo pouco a pouco, a torna simples e a leva a detestar os fúteis prazeres do mundo.

***

26

A simplicidade abomina, como a morte, a extroversão, as imagens, as figuras e toda recreação dos sentidos. Se a alma aceita alguma recreação é apenas com pesar, pois todo seu prazer está no interior, onde está seu Rei, com o qual ela atinge sua quietude e seu contentamento.

CAPÍTULO 27

A verdadeira liberdade dos filhos de Deus.

01

A verdadeira liberdade de espírito é um discreto e extenso desapego sobre o que se pode dizer ou fazer sem busca.

***

02

A verdadeira liberdade é o tesouro dos filhos de Deus. Na medida em que eles se perdem nele, a liberdade deles se torna divina e a própria carne não pode forçá-los.

***

03

A divina liberdade é o fruto daqueles que morrem totalmente vivos. Ela os mergulha, acima de toda compreensão, na imensidão do próprio Deus, de quem eles desfrutam, na medida em que pode este corpo mortal.

***

04

A soberana liberdade humana está em Deus, o que admite muitos graus, antes de sua consumação. Mas, quando toda pessoa está consumada no estado passivo e fruitivo, sua liberdade então é divina, de alguma maneira e se assemelha a dos bem-aventurados.

***

05

Os sábios que temem muito o interesse e o dano das criaturas causam um grande dano a eles mesmos, omitindo frequentemente o bem que eles poderiam produzir se fossem suficientemente fortes e suficientemente perdidos para voar para Deus acima de toda consideração humana e caindo, por excesso de prudência, na prudência da carne.

***

06

As pessoas profundamente espirituais, em seu estado deiformíssimo e na eminência do espírito de Deus, do seu amor e da sua luz, são santamente livres em suas palavras e em seus atos, sem se preocuparem mais com a razão dos julgamentos humanos, porque elas não vivem para as pessoas e nem para elas mesmas, mas em Deus e de Deus e porque lá, onde está eminentemente o espírito de Deus, lá também está a soberana liberdade.

***

07

A liberdade dos mártires transparece no fato de que o amor deles foi mais forte do que todos os tormentos.

***

08

Todo aquele que tem algum medo de passar à ação ou, na ação, não agem com uma santa liberdade, quando é preciso, está ainda imperfeito e apegado à sua natureza.

***

09

A santa liberdade só é boa, na conversa, entre os verdadeiros espirituais, que se edificam com tudo e que tomam tudo em um bom sentido.

***

10

Todo aquele que quer agir em liberdade santa deve ser sempre senhor de si mesmo. Não sendo assim, por pouca coisa, ele se tornará apaixonado e cego.

***

11

A liberdade dos sentidos faz com que a pessoa se dissipe totalmente no exterior, através da paixão e imprima toda sua essência naqueles que a veem. Mas a santa liberdade a mostra, no exterior, com uma perfeita tranquilidade interior, através de uma inteira elevação em Deus e isto com boa graça, sem que ninguém possa e nem deva ser afetado por isto.

***

12

A boa e discreta austeridade é tão necessária às pessoas soberanamente livres que, sem ela, só se ama pela metade.

***

13

Não há nada mais difícil de se conhecer do que a verdadeira humildade dos perfeitos, porque a verdadeira liberdade a cobre.

***

14

Uma coisa é a liberdade de coração e de espírito em Deus e por Deus e outra coisa é a liberdade do mesmo espírito para fluir, espírito e vida, para fora. Uma é para si, no próprio Deus e a outra sai de si, com uma intenção simples, na simplíssima visão do próprio Deus.

***

A liberdade divina é muito caridosa, não ofende ninguém e edifica todo mundo.

CAPÍTULO 28

As humilhações e as ilusões diabólicas.

01

Quando os demônios são descobertos, eles normalmente deixam suas presas e não tentam ou não enganam mais da mesma maneira. É por isto que é muito importante que aqueles que são tentados se revelem pronta e fielmente aos seus orientadores espirituais.

***

02

Os demônios tentadores e enganadores são melhor superados pelo desprezo do que por qualquer outra maneira.

***

03

Quanto mais uma alma é avançada na virtude e tem força para resistir às sugestões dos demônios, mais os diabos que a atacam são fortes, elevados, sutis em suas naturezas. Deve-se também saber que, na medida em que a pessoa tem paixões e inclinações diversas, nesta medida

há demônios diversos para estimulá-las segundo seu próprio ofício.

***

04

Raramente se engana um diabo duas vezes com o mesmo meio, por causa do orgulho dele, que faz com que ele se encolerize mais, como se diz, por retornar outra vez a um meio que já o venceu.

***

05

É próprio dos demônios dissimularem seus tormentos até o extremo.

***

06

Aqueles que se dedicam mais vivamente ao exercício do amor provocam, por isto mesmo, os demônios contra eles.

***

07

Deus permite, algumas vezes, que um diabo, inteiramente derrotado pela força e as virtudes heroicas de uma alma fiel, não ouse retornar ao inferno, por medo das zombarias e dos ataques que receberia lá e por medo de ser obrigado a confessar sua fraqueza ou de ser mantido prisioneiro como um covarde. Ele prefere permanecer escravo do seu vencedor e amarrado por sua virtude, de sorte que este pode lhe ordenar fazer todo o bem que ele quiser, mesmo contra os outros diabos, como se viu com alguns antigos anacoretas.

***

08

O demônio, para enganar as almas, derrama luzes nelas algumas vezes e delícias tão grandes que elas parecem ser divinas, mas isto só toca a superfície dos sentidos e, com suas falsas luzes, a alma jamais é inteiramente abstraída dos sentidos e nem elevada acima dela mesma.

***

09

Os efeitos de nossas luzes são comumente dignos do espírito que as derramou. Se elas vêm do demônio, seus efeitos são apenas orgulho, desprezo pelos outros e outros pecados.

***

10

O espírito maligno sente prazer em enganar, com todo tipo de ilusão, aqueles que se deleitam com suas falsas luzes.

***

11

Só o espírito de Deus pode fluir para as profundezas do espírito. Contrariamente, o demônio entra furtivamente nas forças sensoriais, sem poder ir além, para lá falsificar o espírito de Deus e causar mil desordens.

***

12

Deus jamais se serve de demônios para nos revelar as coisas que é preciso que saibamos. Sua majestade tem,

para isto, os bons anjos, muito atentos ao ministério das coisas que são necessárias à nossa salvação.

***

13

Todo movimento turbulento e inquieto é da natureza ou do demônio.

***

14

Os instintos da natureza são instáveis e inconstantes. Os do demônio são orgulhosos e instáveis, se se resiste a eles. Os de Deus são muito estáveis, pacíficos e tornam a alma certa de sua verdade.

***

15

As falsas luzes procedem geralmente de um amor descontrolado pelos dons de Deus.

***

16

Assim como aqueles que têm como profissão se aperfeiçoar nas armas não colocam imediatamente em e-

vidência todos os seus segredos sem grande necessidade, da mesma forma, os demônios não mostram imediatamente suas principais armadilhas àqueles que os atacam, mas pouco a pouco e segundo a resistência que se opõe a eles.

***

17

Todo aquele que relaxa claramente em seus exercícios espirituais ou corporais admite, por isto mesmo, os demônios junto a si mesmo e é favorável aos seus desejos, assim como, contrariamente, ele entristece grandemente os bons anjos.

***

18

Se as visitas que a alma recebe são de Deus, ela sente, primeiramente, o medo e, no meio e no fim, a alegria com a fome e o desejo de virtudes. Diferentemente, quando elas são do diabo, a alma sente primeiramente a alegria e depois fica em confusão e nas trevas. Sendo as visitas de Deus ou do demônio, é preciso sempre se aviltar e se humilhar profundamente, pois Deus se compraz

extremamente em visitar os humildes e o demônio não pode suportá-los e, por isto, ele logo desaparece.

***

19

Os demônios não podem fazer outra coisa que não seja rondar de longe aqueles que ultrapassaram a ação e a paixão em Deus e eles esperam somente jogar o resto delas contra eles no momento da morte, mas eles estimulam os imperfeitos a julgá-los mal e a se escandalizarem mal sobre suas ações e não cessam de voltar e retornar até que eles tenham incitado e movido céu e terra contra eles, para ver se esses perfeitos não serão levados, pela instabilidade e impaciência de espírito, a se entregarem a algum movimento apaixonado.

CAPÍTULO 29

As possessões diabólicas e regras para um exorcista.

01

Não é uma coisa infame ser possuído pelo demônio ou ser atormentado por ele. Isto é ordenado por Deus, para sua grandíssima glória e para o bem das criaturas.

***

02

Deus permite as possessões diabólicas e retira mesmo sua ajuda perceptível das pessoas possuídas, com o fim de purificá-las até das menores imperfeições e de torná-las livres de todo amor-próprio.

***

03

Deus não poupa nada do que ele vê ser necessário para purificar perfeitamente os corações de suas criaturas que são seus vasos sagrados e preciosos.

***

04

Deus adia muitas vezes dar a vitória à Igreja sobre os demônios, para manter cada um de seus filhos na hu-

mildade e para que eles não se glorifiquem em sua divina presença.

***

05

Não devemos buscar confirmações da nossa fé na boca daqueles que estão possuídos.

Regras para um exorcista.

01) O exorcista deve viver estritamente, o tanto que ele puder, segundo o espírito, pois a via estreita é a via dos santos.

02) Que ele se mortifique corajosamente em todas as coisas, segundo o espírito e com discernimento, segundo o corpo, pois é pela verdadeira santidade ou pureza, tanto do espírito quando do corpo e pela autoridade e a força da Igreja que se aflige fortemente os demônios.

03) Que ele não se deixe abater e desanimar pelo trabalho que encontra neste emprego. Deve ser para ele uma felicidade sofrer para a salvação das almas em uma ocupação onde há muito pouco amor-próprio.

04) Que ele faça a pessoa possuída abraçar o exercício da mortificação, não tendo tanto objetivo em fazer o corpo sofrer, mas em mortificar o espírito.

05) Que ele se mantenha junto à alma e ao corpo do possuído, considerando seus movimentos, o exortando frequentemente, com curtas palavras, ao amor a Deus, a conversar com ele em colóquios afetuosos, a guardar sua santa presença, a invocar os santos, a abraçar a penitência e a mortificação de suas paixões, enfim, a se resignar a sofrer amorosamente.

06) Que ele seja grave e sério nos exorcismos. Caso contrário, ele fortaleceria o demônio em seu forte, onde ele só busca ocupar os exorcistas com diversos estratagemas, pois este espírito de soberba só mostra sua raiva infernal o mais tarde que ele pode.

07) Que ele evite toda curiosidade e toda familiaridade com os demônios e que ele lhes fale com um tom imperioso.

08) Que ele não se deixe louvar, aplaudir ou lisonjear pela sutil e ardilosa malícia dos demônios.

09) Que ele não permita ao demônio zombar e nem mesmo falar, a não ser sobre o assunto que se trata.

10) Que ele o exaspere sempre, não lhe perdoando nenhuma dissimulação, nem, com muito mais razão ainda, nenhuma blasfêmia, pela qual não lhe dê uma satisfação pública e exemplar.

11) Além das preces vocais e manifestas, ele deve frequentemente atacar o demônio em espírito e mentalmente, lhe lançando todas as maldições possíveis e se dirigindo a Deus da mesma forma, mais em espírito do que vocalmente.

12) Que ele não se deixe atingir pelo demônio e nem ser ofendido por ele em sua reputação.

13) Que ele tenha sempre com ele uma relíquia da verdadeira cruz ou outras verdadeiras relíquias, para impedir que os demônios se apoderem de seus sentidos interiores.

CAPÍTULO 30

A dignidade dos sacerdotes.

01

O sacerdote deve fazer estas duas coisas: iluminar e abrasar. Se algum não tiver muita doutrina para iluminar,

sua vida santa, plena de modéstia e de seriedade, bastará para um e para outro.

***

02

Os sacerdotes, como duplamente consagrados a Deus, devem levar uma vida totalmente angélica e muito semelhante a do Homem Deus.

***

03

Ó sacerdotes! Conheçam com um sentimento saboroso sua dignidade e admire-a continuamente como divina! Que seus costumes lhe sejam conformes e façam com que, com suas vidas angélicas, o povo seja estimulado a segui-los e a operar com ardor sua salvação. Quem então deve saber, através de uma doce experiência, o quanto Deus é doce e suave àqueles que desfrutam dele, se não são vocês, que são os olhos e os doutores do povo e os distribuidores do pão celeste? Que vergonha se esse pão tivesse menos eficácia em vocês do que naqueles que são inferiores a vocês!

***

04

Os sacerdotes devem alimentar o povo com a palavra de Deus e acrescentar a ela o bom exemplo, já que está dito que *nem só de pão vive o ser humano*[12].

***

05

Alguns pregadores envolvem as palavras de Deus com tanta afetação misturada com palavras profanas para sua própria satisfação que o pão que eles distribuem aos fiéis está mais misturado com terra do que com o espírito celeste e deleita mais os sentidos do que estimula o coração a uma compunção salvífica.

***

06

Quem deve deter os relâmpagos da ira de Deus e se opor à sua justiça, se não são os sacerdotes?

***

[12] Deuteronômio 8: 3 e Mateus 4: 4.

07

Do que serve a um sacerdote ser tão eminentemente elevado, se sua vida não está de acordo com a eminência deste estado?

***

08

Acontece às vezes de, aqueles que têm a dispensação dos tesouros divinos, para eles e para os outros, serem os mais pobres e os mais indigentes de todos e estes serão, para sempre, justos motivos de escárnio para os anjos, para os santos e para os diabos.

CAPÍTULO 31

A santa comunhão.

01

Ao recebermos o santíssimo sacramento da Eucaristia, devemos dar nossa alma e nosso corpo Àquele que recebemos, para retribuirmos amor com amor. Isto é, para a criatura, juntar o paraíso ao Paraíso.

***

02

Cumprir este dever de amor é coisa tão desejada pelo verdadeiro amoroso que ele receberia a Eucaristia mil vezes ao dia, se isto fosse permitido e sua aflição é ver que está obrigado a viver com outro alimento, que não é este.

***

03

Se, após a comunhão, deixamos de retribuir amor com amor, seremos semelhantes, em malícia, àqueles de quem deploramos a miséria.

***

04

O que é, para uma esposa fiel, comungar, se não é celebrar, com uma grandíssima alegria, as núpcias do Cordeiro.

***

05

Aqueles que se tornam proprietários da comunhão do corpo de Jesus Cristo talvez lhe façam mais mal do

que aqueles que, com uma total ingratidão, o deixam só e sem cuidados, depois de tê-lo recebido.

***

06

Há, no ser humano, uma parte corruptível e uma parte incorruptível e cada uma tem um alimento em relação com ela mesma. A alma incorruptível e feita à imagem de Deus se alimenta com alimentos espirituais e, em particular, com o sacramento do altar, que contém o Salvador, com toda a abundância de suas graças.

***

07

Sua representação e a memória dos benefícios infinitos contidos na amorosa Paixão do Salvador alimentam e ornamentam as almas que o recebem sacramentalmente. É nisto que tudo o que se encontra na graça santificante se torna sempre melhor e mais santo. É nisto que o ser humano é feito divino.

***

08

Aquele que mais ama Jesus Cristo com uma viva imitação e com uma inteira conformidade de amor o recebe melhor na comunhão. O divino Salvador, por seu lado, opera grandes coisas, embora imperceptivelmente, nas profundezas, no coração e nas forças da sua alma, para que ele o siga em perfeição de vida e em um despojamento completo.

CAPÍTULO 32

As regras da conversa.

01

Na conversa, devemos compor de tal sorte nosso exterior que se possa saber, com isto, do nosso recolhimento interior.

***

02

Ninguém, se não for conhecido como um santo consumado, deve falar de si, nem bem e nem mal. Falar bem é se louvar claramente e falar mal é se antecipar aos ou-

tros, por medo do que eles mesmos dissessem e nos envergonhasse.

***

03

Na conversa, não se deve falar por muito tempo de coisas espirituais, para não sobrecarregar àqueles que não entendem nada delas. Comumente, só se deve falar de coisas boas, que possam ser agradáveis a todos.

***

04

É preciso ser simples nas palavras e evitar o equívoco, a não sem em caso de necessidade e então, é preciso ordenar isto profundamente em Deus, como sendo sua vontade. Não sendo assim, não há ninguém, por mais espiritual que seja, que não se torne duplo e totalmente político.

***

05

Quando convém saudar alguém, é preciso fazê-lo com contenção e com um temor racional de ultrapassar a

medida nesta ação, evitando, consequentemente, o excesso nos gestos, nas carícias, nas palavras e nos louvores, de onde poderiam nascer buscas próprias.

***

06

Se acontecer de, por fraqueza, cairmos em um falta na presença de nossos irmãos, é preciso, sem nos perturbarmos, reconhecermos nossa falta, nos mantendo alegres de rosto e na estabilidade do espírito. Se você vir alguém cair em uma falta por fraqueza, mostre-lhe um rosto sorridente, demonstrando-lhe o máximo de amizade que você puder, embora sua natureza repugne isto.

***

07

Se o advertirem sobre suas faltas, não se desculpe. Mantenha-se alegre e sério sem dizer uma só palavra, para que a natureza não se busque. Submeta seu julgamento ao de seu irmão e considere isto como vindo de um amigo desejoso de sua perfeição.

***

08

Quando você estiver muito comovido com as faltas alheias, espere, para aconselhar, que a paixão tenha diminuído e você verá então claramente o que terá acontecido.

***

09

Nas coisas que você tiver feito inocente e simplesmente, se seu superior afirmar que você falhou, é preciso acreditar nisto com humildade.

***

10

Não se pode se permitir nada externamente sem ter considerado à luz de uma razão iluminada, se isto edificar o próximo e para vermos, com certeza, se houve uma falta nossa no que pudemos ter feito, é preciso remeter a questão a alguém que tenha o mesmo espírito que nós.

***

11

Os religiosos só devem conversar com os seculares nos momentos determinados e como que às pressas, sem delicadeza, sem disfarce ou dissimulação. Se forem zombados por eles, devem suportar sem ressentimento. Se forem louvados por eles, que não se deixem levar por estes louvores. Se os seculares são dissolutos em palavras, que eles evitem aprovar tacitamente isto, ao rirem. Por fim, se, para nos sondar, os seculares falam das ordens religiosas, censurando algumas delas e louvando a nossa, tudo isto não tocará o verdadeiro religioso, que permanecerá igual a ele mesmo e imóvel, para possuir Deus na unidade do seu espírito.

***

12

Quando, depois de termos agido o melhor que pudermos diante de pessoas de consideração, elas julgam nossa ação defeituosa, é preciso, a qualquer preço que seja, deixar a coisa como ela é, sem uma explicação adicional, a menos que nosso silêncio seja considerado ofensivo, caso contrário, isto seria fazê-los parecer ignorantes e indiscretos.

***

13

É preciso tomar cuidado ao falar de coisas de forma ignorante na conversa, pois isto repugna a razão e a civilidade. Não se deve falar também através de sentenças ou por enigmas, mas claramente, luminosamente e de acordo com a capacidade de todos, se for possível.

***

14

Dizer rindo verdades ao próximo é uma sutileza da natureza para cobrir sua paixão e seu veneno. Isto é pecado muito frequentemente e mesmo mortal, algumas vezes.

***

15

A indignação é consequência de uma vida não mortificada e totalmente cheia de propriedades ocultas. Sua sutileza é tal que, é difícil encontrar um espiritual, por mais morto que ele possa estar, que seja totalmente isento dela.

***

16

Os espirituais mal mortificados estão cheios de autocomplacência em seus discursos. Foi sobre eles que o Sábio falou: *O coração do insensato é como um cântaro lascado; nada retém da sabedoria*[13]. Mas os verdadeiros sábios falam sem busca, sem avidez, temerosamente e em poucas palavras.

***

17

É uma coisa estranha ver um verdadeiro espiritual, por não deixar as coisas serem o que são, não poder suportar o que não é concebido segundo a luz e a verdade do espírito.

***

18

Não se deve jamais colocar um obstáculo à liberdade alheia, especialmente quando ela é conduzida com prudência, dando a todos a liberdade de se expressarem.

[13] Eclesiástico 21: 17.

***

19

A familiaridade tem o poder de transformar a sabedoria das pessoas e fazê-las relaxar.

***

20

Na conversa, jamais fale do estado bom ou relativamente melhor do seu corpo e não se queixe jamais de nada.

***

21

Aqueles cujas qualidades naturais têm o dom de atrair devem ser mais sérios e mais contidos do que os outros.

***

22

Deleite-se igualmente na companhia de todos, não se detendo, no entanto, se for possível, muito tempo, com aqueles que o distrairão de Deus.

***

23

Ao tratar das coisas divinas na conversa, não comunique seus excessos __ que são, comumente, os segredos mais importantes do espírito __ àqueles que vivem segundo a natureza pura, sejam eles eruditos ou ignorantes, para evitar as contestações. Se você se sentir levado a produzir algum excesso de espírito entre desiguais, saiba que você se buscará nisto.

***

24

É próprio somente dos perfeitos assumir todas as formas para o bem e a utilidade do próximo, se excetuarmos a puerilidade das crianças e nos mantivermos, apesar disto, no justo meio termo de uma simples e moderada retenção, nos confiando em Deus, que nos será favorável nessas maneiras de agir, que objetivam a caridade para com o próximo[14].

***

[14] Cf. 1 Coríntios 9: 22. *Fiz-me fraco com os fracos, a fim de ganhar os fracos. Fiz-me tudo para todos, a fim de salvar a todos.*

25

É preciso, em nossas maiores angústias, mostrar um rosto tranquilo e sorridente e que mostre que somos como que incapazes de tristeza e de aflição.

***

26

Quando você tiver praticado uma ação que tocou por muito tempo seu senso racional, terminada a ação, evite falar imediatamente com alguém, até que o efeito provocado no seu senso tenha se dissipado e você tenha recuperado sua inicial, simples e superessencial luz.

***

27

As pessoas realmente iluminadas não desejam de forma alguma a conversa, nem mesmo com seus semelhantes, fora dos momentos determinados para isto.

***

28

Deveríamos colocar tanta dificuldade e severidade ao nos comunicarmos com pessoas que vivem totalmente

dispersas no exterior que pareceria que fomos totalmente despojados de toda humanidade.

***

29

Os verdadeiros espirituais devem ter a prudência da serpente como inseparável companheira da sua simplicidade de pomba[15], para conversar prudente e simplesmente, permanecendo apegados a Deus.

***

30

A modéstia dos perfeitos é uma mestra, uma corretora muda que, com sua atitude eficaz e séria, solicita aos outros que se recolham e se fechem dentro de si mesmos, onde está a fonte do seu bem.

***

31

Os perfeitos só devem se distrair rejubilando com as maravilhas de Deus e com as obras do seu amor.

[15] Cf. Mateus 10: 16. *Eu vos envio como ovelhas no meio de lobos. Sede, pois, prudentes como as serpentes, mas simples como as pombas*.

***

32

Se *nossa conversa está no céu*[16] e em Deus e se somos ressuscitados com Jesus Cristo, o que temos a ver com as criaturas mortais?

***

33

Quando os espíritos são iguais, eles se iluminam reciprocamente na conversa. De igual para igual, as concepções não são chamadas de reprimendas, mas manifestações de luz e de verdade.

***

34

O Espírito Santo fala dos verdadeiros espirituais, quando ele diz, através do seu Profeta: “Diga ao justo que tudo o que ele faz, tudo o que ele diz, tudo o que ele pensa de propósito deliberado é bom, na medida em que Deus é altamente glorificado em tudo isto. É por isto que, *feliz o*

[16] Filipenses 3: 20.

justo; para ele o bem. Ele comerá o fruto de suas o-bras[17]”.

CAPÍTULO 33

O estudo das ciências.

01

O estudo que não é feito somente para a glória de Deus é um curto caminho para descer ao inferno. Não por causa do estudo considerado propriamente, mas por causa do orgulho que ele gera.

***

02

A maior parte das pessoas só estuda por curiosidade. A beleza do mundo, longe de lhes ser útil, lhes é um veneno mortal, porque elas não estudam para merecer a vida eterna.

***

[17] Isaías 3: 10.

03

Eu não posso me espantar o suficiente com certos sacerdotes, tanto religiosos quanto seculares, a quem todo estudo é bom e que dizem que é preciso tudo ver e tudo saber, para resolver as dificuldades do próximo. Esta é uma crença grosseira e uma pura busca da natureza que expõe o olfato espiritual ao ar mais corrompido que se possa dizer.

***

04

Ó mil vezes deplorável corrupção, que faz com que, sendo vazio da ciência dos santos, recorra-se a águas corrompidas para aliviar a sede insaciável de saber com que se é devorado!

***

05

Não se enganaria aquele que afirmasse que a ciência da maior parte das pessoas é ciência de pecado. Não que ela seja má propriamente, sendo adquirida com um estudo legítimo, mas é porque três quartos das pessoas repousam nela e não em Deus, seu objetivo final.

***

06

É difícil que aqueles avançados ou aqueles que se iniciam ainda na vida espiritual possam adquirir as ciências e praticar seus exercícios sem prejudicar muito neles a sabedoria divina.

***

07

Entre saber e fazer, grandíssima é a distância. As pessoas cheias com sua própria excelência são altamente ativas no primeiro caso e muito covardes no outro.

***

08

Aqueles que querem estudar com o espírito de Deus devem se apegar ao princípio de que, possuir a si mesmo e se unir, muitas vezes, inteira e simplesmente a Deus é o fim bem-aventurado da religião e que as ciências naturais devem ser adquiridas com este desejo.

***

09

Não é necessário, durante o estudo, sentir sempre Deus presente e não encontrar nenhum deleite em se entregar a isto. Bastará não se mergulhar totalmente no prazer que se encontra e agir como fazem as pessoas bem nascidas e espirituais no beber e no comer, em que elas sentem prazer, mas não se apegam a ele.

***

10

Aquele que quer estudar santamente não deve jamais, em qualquer ocasião que seja, perder a sensação do seu desejo e da sua inclinação para Deus. Não que seja preciso estar sempre atento a Deus, mas se deve, de tempos em tempos, renovar sua atenção a ele e tomar cuidado para não se entregar ao estudo com todo o ímpeto de uma afeição natural.

***

11

Embora a alma se sinta muito distraída e muito dividida pelas ocupações exteriores, ela não deve, no entanto, com a força e o ardor do seu desejo, fazer nenhuma

distinção entre o interior e o exterior, quando esta é a ordem ou é a necessidade.

CAPÍTULO 34

Regras para os superiores.

01

Aqueles que são elevados à dignidade de superior devem cuidadosamente mergulhar no próprio nada, se julgando na pior condição perante Deus e menores do que seus subordinados, pois é bem mais seguro obedecer do que ordenar.

***

02

Os superiores deveriam ser anjos revestidos com a natureza humana, para permanecerem apegados à inteira e sempre eficaz posse deles mesmos, sobretudo nas correções de seus subordinados.

***

03

Os superiores são o sal, a luz, o espelho, a força, a sabedoria, a caridade, a humildade, a simplicidade, a retidão, a balança e o peso, a pureza, a santidade, a diligência, a paciência, a compaixão, o justo meio, a verdade estável e contida, a benignidade, o discernimento, a vida, a saúde, o remédio, o bem, a perfeição, a felicidade nesta vida, de seus subordinados.

***

04

As pessoas de temperamento melancólico e triste e os espíritos muito frios, muito lentos e muito pesados não são próprios para governar, mas sim as bem-humoradas, de boa natureza, bem maduras, sábias e discretas, generosas e corajosas para empreender e capazes de executar, mais santas e perfeitas do que eruditas, se for possível.

***

05

Aqueles que ignoram totalmente a vida do espírito devem recusar o cargo de superior. Ele lhe será mais um motivo de perda do que de ganho, de ruína do que de sal-

vação. A ordem religiosa, por seu lado, não deve confiar seus filhos, seus tenros bebês, a amas que não possuem mamas, ou seja, a superiores defeituosos. Seria cegueira, ignorância e crueldade fazer perecer assim as crianças em seus berços.

***

06

Todo superior deve ser não apenas de vida mortificada e exemplar, mas também de grande oração, recolhimento e solidão. Ele deve amar esta vida em seus subordinados e lhes dar toda facilidade para se entregarem a ela, já que são as almas interiores que praticam nossa regra em seu brilho e em seu supremo espírito.

***

07

Os bons superiores são os primeiros a colocar as mãos nas obras particularmente difíceis e gostariam, se isto lhes fosse possível, de carregar todo o fardo, para deixar seus subordinados na quietude, para a maior perfeição deles.

***

08

Aqueles que são de uma doçura muito grande e muito lentos para a ação não são próprios para governar, a não ser após uma longa experiência, pois eles deixam as coisas seguirem seu ritmo, negligenciando as advertências que lhes são dadas sobre as desordens da ordem religiosa e deixando os pequenos serem oprimidos sem lhes levar o alívio.

***

09

Os superiores devem ser plenos de erudição e de doutrina celeste, de sabedoria, de força, de conselho, de prudência, de compaixão e de caridade, de humildade, de doçura e de séria afabilidade, não tímidos, não covardes, intolerantes ao mal, corrigindo-o à tempo e no lugar com mais caridade do que justiça e sem temer perder sua reputação, visando incessantemente a vontade de Deus, que os estabeleceu superiores, não aos anjos, mas à pessoas.

***

10

Todo bom superior deve: 1) ser soberanamente espiritual e luminoso e possuir o dom do delicado discernimento de todos os espíritos, tanto para si quanto para os outros, de sorte que ele descobre os espíritos pelo exterior de cada um; 2) ser desejoso de encaminhar ao espírito e à perfeição todos aqueles que são capazes disto; 3) ser doce, cheio de mansidão, sem indignação e sem paixão sem discernimento, confiante para com os subordinados, lhes dando acesso fácil junto a ele e pleno de bondade que os estimule a descobrir o interior deles até nos seus mais secretos impulsos; 4) fazer observar as regras e os estatutos com um doce rigor, se fazendo doce com os dóceis e medianamente rude com os rudes, após uma longa paciência; 5) consolar os doentes e os aflitos e não lhes recusar suas necessidades e suas demandas, se comportando como verdadeiro pai e não como mestre e senhor, temperando como convém, a autoridade, com um amor todo paternal, visto que ninguém é escravo e nem servo na ordem religiosa, a não ser de Deus.

***

11

Que o superior peça conselhos e tome cuidado para não se deixar enganar pelos bajuladores e os fofoqueiros.

***

12

Ele deve se fazer tudo para todos, sem acepção de pessoas; advertir caridosamente seus subordinados sobre suas faltas, em público ou em particular e não permitir que os pequenos sofram, por parte dos grandes, com calúnias ou excesso de rigor.

***

13

Que ele tome cuidado para não tomar o aparente pelo verdadeiro e suportar que se venere os seculares sob belos pretextos. Que ele coloque seus subordinados em ação somente orando e não ordenando. Que ele se coloque nos lugares deles pela ação e pelo sofrimento. Que ele não exceda as forças de ninguém, seja no interior, seja no exterior, sob qualquer pretexto que seja.

***

14

Que ele não seja em seu governo mais político do que racional, mas que ele governe segundo a ordem da vontade de Deus, que é que, como superior, ele deva ser santo e mesmo propiciar que seus subordinados sejam santos em todas as suas ações.

***

15

Ele não deve ser daqueles que, para consolar e curar as almas que sofrem, não têm outro remédio que não seja a cruz. Isto seria agravar o mal e não curá-lo e criar novas cruzes, invés de suavizar aquelas que já se tem.

***

16

Os superiores devem, invés de temerem ser muito contidos, ser muito fáceis em dar aos seus subordinados o que eles lhes pedem, visto que não há nada que leve mais à ruína da ordem religiosa do que lhes recusar suas justas necessidades e mesmo quando o subordinado se buscasse manifestamente em sua demanda, o superior deve dissi-

mular sua busca, guardando, no entanto, sempre, as regras de uma luminosa prudência.

***

17

É algo imensamente deplorável ver superiores tão desprovidos de caridade e de compaixão que eles não querem sentir em seus subordinados o que eles não sentem neles mesmos, por uma fraqueza semelhante a deles.

***

18

Para que a liberdade de espírito e a suavidade dos superiores para com seus subordinados não se transformem em sensorialidade, eles devem se manter sérios e serenos perante eles, os mortificando habilmente e com presteza.

***

19

Se o superior julga adequado recusar alguma coisa ao seu subordinado, será muito bom lhe dar a razão disto,

para que ele veja que ao seu superior não falta caridade para com ele.

***

20

Os superiores devem ter grande cuidado para que todos os seus subordinados tenham tudo o que lhes é necessário, tanto segundo o espírito quanto segundo o corpo, para que eles possam conversar na presença de Deus em quietude e estabilidade de coração, pois, assim que um religioso sofre notavelmente no corpo e no espírito, deve-se acreditar que ele está, necessariamente, mergulhado no interior, sem paz e nem quietude e, por consequência, está incapaz de entrar nele mesmo e se voltar inteiramente a Deus.

***

21

A alegria do bom superior deve ser saber que seus subordinados vivem na paz interior.

***

22

Os superiores devem acreditar firmemente que os religiosos realmente espirituais são o maior apoio da ordem religiosa e como que os canais pelos quais Deus derrama no resto do corpo seus favores e suas bênçãos.

***

23

Os superiores devem insistir frequentemente, em suas exortações, sobre o verdadeiro espírito da nossa profissão e mostrar que ele não consiste em aparecer muito no exterior, mas na humildade e na ocupação interior com Deus. Nem em se mortificar exteriormente pelo brilho e a ordem exterior da casa, o que só pode durar pouco, mas em profundamente se aniquilar perante Deus.

***

24

Os superiores não devem jamais confiar os jovens religiosos a diretores totalmente ignorantes dos caminhos de Deus e vazios do seu saboroso espírito, pois tais mestres jamais imprimirão nas almas dos jovens outro espírito que não seja os deles próprios.

***

25

Os superiores devem ter grande compaixão pelas quedas dos seus subordinados, fazendo distinção entre a malícia e a fraqueza e não corrigindo jamais enquanto a paixão reina neles ou naquele que eles devem corrigir. Não sendo assim, o superior cegaria a si mesmo e o corrigido ficaria mais ferido do que humilde e mudado.

***

26

Não há natureza tão dura e selvagem que não seja domada pelo amor paterno do seu superior.

***

27

Os superiores que, em suas correções, rugem como trovões, por qualquer motivo, são os mais adequados para atordoar as almas do que beneficiar a ordem religiosa.

***

28

O superior que ultrapassou a medida ao repreender um religioso deve lhe pedir perdão, mesmo em público, se a falta foi pública. Isto tocará os corações mais duros e dará ao superior a reputação de ser humilde, caridoso e justo.

***

29

A prudência dos superiores deve cuidadosamente levar em conta a timidez dos pequenos, que não ousam abordá-los por causa de sua pequenez e do seu pouco talento e dar menos sua atenção àqueles que fazem muito do que àqueles que, só podendo pouco, têm uma infinita vontade de poder fazer tudo.

***

30

Quando os superiores, não ousando entristecer seus subordinados, deixam de propiciar o bem à ordem religiosa, para mantê-la em bom vigor e na disciplina regular, que eles estejam certos de que tal prudência não é de Deus e sim da carne.

***

31

Os superiores não devem se admirar em ver faltas serem cometidas, desde que reconheçam o desejo de se corrigir. Eles devem esperar com grande paciência a correção dos noviços, desde que eles não sejam dissimulados, mentirosos ou maliciosos, pois, neste caso, se Deus não os transformar milagrosamente, eles não poderiam jamais perseverar dignamente na ordem religiosa.

***

32

Os superiores não devem, sob o pretexto de mortificação, pedir aos seus inferiores coisas impossíveis ou tão difíceis que os perturbem ou lhes tirem a quietude do espírito.

***

33

O bom superior deve manter seus religiosos sempre alegres, sendo a alegria o verdadeiro sinal de uma alma que está bem com Deus.

***

34

Ele não deve dar tanta atenção ao que eles fazem, quanto ao espírito com o qual eles o fazem.

***

35

A demasiada autoridade nos superiores diminui o amor e o demasiado pouco caso, o desprezo. É preciso então que eles se mantenham no verdadeiro meio termo.

***

36

Os superiores só devem mortificar os perfeitos religiosos em particular. Agir diferentemente seria mais arruinar do que edificar, já que esses religiosos estão entre os outros para lhes servir de exemplo.

***

37

O superior não deve jamais dar uma ordem ambígua.

***

38

Os superiores devem ter o cuidado de serem vistos sempre ocupados com coisas grandes. Não com a balbúrdia do dia a dia e entre os seculares, mas internamente, nas ações da vida regular.

***

39

O superior que, sob o pretexto do seu poder, zomba de seus subordinados por qualquer motivo, como sobre sua melancolia ou outras imperfeições, age notavelmente contra a caridade.

***

40

Tenha o cuidado de não ser muito justo e muito sábio nas coisas de menor importância, buscando mais do que o razoável, em você ou nos outros, motivos de falta e de acusação. Ao agir assim, você ficaria muito dividido e seu voo ativo do espírito seria impedido.

***

41

Os superiores não recebem quase nada de sua ocupação para a própria perfeição. Pelo contrário, é muito provável que tenham menos do que os outros. Se eles se comportarem, com sua ascendência sobre seus subordinados, de forma diferente que não seja em profunda humildade e caridade, eles estarão perdidos e se cegarão sempre cada vez mais.

***

42

É preciso que o superior seja extremamente paciente em dissimular os movimentos e as paixões da natureza emotiva de seus subordinados. Se ele mesmo for o objeto da tentação, ele deve agir com relação a isto com uma infinita gentileza, os fazendo entender que isto não é nada, mas, todavia, somente admiti-los em particular, no mesmo ambiente, com prudência.

***

43

Quando ele se exercita na mortificação, o superior não deve jamais ferir a boa vontade e a verdadeira razão

dos seus subordinados, na medida em que eles não podem se simplificar sobre este ponto.

***

44

É preciso evitar confiar a condução dos jovens a religiosos recém-saídos dos estudos, nos quais se sabe que eles perderam o espírito de simplicidade, de sabedoria e de luminosa direção, porque, estando todos neles mesmos, eles fariam perder o simples e verdadeiro espírito de Deus de seus discípulos, querendo conduzi-los conforme seus próprios espíritos, que só sai deles em desordem e com paixão e violência.

***

45

Não é mal que os superiores sejam um pouco enfermos, para que eles vejam neles mesmos as necessidades dos outros.

***

46

Os superiores sábios e discretos são muito atentos à saúde e à boa disposição de seus subordinados, segundo o corpo e o espírito, não poupando nada para a alimentação deles, segundo o justo equilíbrio, visitando todos os dias os doentes e tendo cuidado para que os convalescentes não sejam muito cedo devolvidos à rotina comum, para que a natureza deles tenha tempo para se recuperar.

***

47

Muitas vezes é preciso censurar o vício sem apontar ninguém, para não ferir ninguém, invés de curar a ferida.

***

48

O superior que não quer jamais ser contradito pelas diversas razões de uns e de outros não age como humano, mas como um animal privado de razão.

***

49

Os superiores não devem introduzir com muita frequência os seculares nos atos da ordem religiosa, sob o pretexto de devoção, pois isto cheira muito a ostentação e uma secreta mendicidade.

***

50

Os superiores não devem jamais encarregar um religioso de tarefas que excedem claramente sua capacidade.

***

51

Os superiores que governam pela autoridade, mais como mestres e senhores absolutos do que pelo espírito de caridade e como pais não imitam em nada a maneira mais perfeita com que Deus governa as pessoas, que é governando-as como seus caríssimos filhos, com uma amorosa providência.

***

52

O superior não deve jamais se exceder em gentileza e em rigor. Mas, se ele se exceder algumas vezes, que seja mais em gentileza.

***

53

O superior não deve jamais exigir seu direito rigorosamente em toda a extensão do que quer que seja, visto que, se não é crueldade, é, no mínimo, uma grande falta de discernimento e uma imprudência.

***

54

Que o superior não acredite ter mais inteligência e luz do que todos os seus subordinados juntos e, por consequência, que ele não rejeite suas boas opiniões e seus conselhos, pois, não sendo assim, ele seria impróprio para conduzi-los.

***

55

Se a grande gentileza requerida nos superiores não for acompanhada de uma discreta severidade, trata-se mais de covardia e fraqueza do que verdadeira e virtuosa gentileza.

***

56

Quando se corrige um pecador, é preciso esquecer, de alguma maneira, o pecado[18] e só visar a excelência dessa alma e o quanto ela custou a Nosso Senhor.

***

57

É preciso que, nas assembleias, cada subordinado tenha o direito de opor sua opinião à do superior, para que a verdade seja melhor esclarecida.

***

[18] Cf. Santo Agostinho. *Primeira Epístola de São João*, Conferência 07, Cap. 11: *Em uma pessoa, ame a pessoa e deteste o erro, pois a pessoa é obra de Deus, enquanto que o erro é feito pelo ser humano. Ame nela o que Deus fez, mas não ame o que fez o ser humano*.

58

Os superiores devem dar a razão de suas proposições aos seus subordinados que são os mais recomendáveis. Não sendo assim, eles demonstrariam não confiar em ninguém.

***

59

No governo dos outros se chega facilmente aos extremos.

***

60

Se acontecer de ser necessário que o superior haja como polícia, por causa de pessoas sensoriais, astuciosas e puramente naturais com quem tem que lidar, é preciso que este meio seja divino no seu objetivo e, porque ele responde à vontade do próprio Deus, que ele seja raramente empregado, para que seja acompanhado do horror de se ver forçado a proceder assim.

***

61

O superior, embora jovem, não deve suportar que um de seus inferiores, pela idade ou entendimento que seja, lhe faça repreensões em público, sob o pretexto de adverti-lo sobre as faltas observadas na casa. Mas ele deve imediatamente __ sem paixão, no entanto __ mostrar a esses soberbos que ele os observa.

***

62

É preciso que o superior seja gentil e tratável em particular e não se torne inacessível. Caso contrário, ele se faria temido e não amado.

***

63

Os superiores que não podem abandonar sua opinião para aceitar a dos outros nas coisas importantes são a ruína da ordem religiosa, por sua presunção e sua imprudência.

***

64

Quando se faz um religioso perder uma parte notável de sua força por causa de um acréscimo de trabalho, acontece em seguida de a natureza ser obrigada, por um longo tempo, a recuperar suas forças em dobro.

***

65

Os superiores não devem expor seus religiosos a ocupações que ofereceriam inconvenientes e perigos graves; por exemplo, em trabalhos que só pertencem aos trabalhadores braçais. Deus não os fez para isto e eles faltariam à caridade.

***

66

A santidade de um religioso é preferível a qualquer dinheiro e a qualquer riqueza. É Deus que dá o dinheiro e o dá para suprir as necessidades de todos.

CAPÍTULO 35

A velhice.

01

A velhice não nos santifica. Cabe a nós santificá-la com uma verdadeira fidelidade.

***

02

Os perfeitos, na velhice, não buscam a distração entre as pessoas. Eles só conversam por necessidade e por pouco tempo, acreditando que é melhor para eles se calarem do que falar e considerando todo mundo mais sábio do que eles.

***

03

Os perfeitos que envelheceram nas práticas da virtude carregam os incômodos da velhice em seus corpos, mas suas almas não são, de forma alguma, pesadas. Pelo contrário, elas são mais sutis em suas operações, em seus conceitos e em sua prudência, mais seguras em seus sentimentos, mais fortes e mais constantes no sofrimento e na morte. A seriedade deles é sempre e em toda parte digna deles, acompanhada de alegria na conversa, embora, no entanto, eles tenham sido e sejam muito solitários.

***

04

Se a velhice encontra alguém imperfeito, ele jamais será diferente e todo aquele que sempre foi adolescente em sua vida, no tempo da velhice não deixará sua adolescência, ou seja, suas desordens e as imperfeições de sua natureza, de sorte que a velhice lhe será um inferno já nesta vida.

***

05

A verdadeira velhice nas pessoas nada mais é do que um intelecto sábio e amadurecido pela idade.

***

06

Se a velhice não for uma carga àquele que está sujeito a ela, dificilmente ela o será aos outros.

***

07

É preciso envelhecer na perfeição dos costumes e da sabedoria antes de envelhecer, já que a velhice que é car-

regada somente de anos é, comumente, insensata e miserável.

CAPÍTULO 36

A morte e a maneira de santificar a doença.

01

É de se temer que Deus recuse o sacrifício daquele que espera o momento da morte para lhe dar sua vida, na medida em que o motivo não é puro.

***

02

É uma bela filosofia, viver bem para morrer bem.

***

03

Há pessoas que acreditam que é se rebaixar muito pensar na morte. Este pensamento pode muito bem se acomodar com os mais altos exercícios da vida espiritual.

***

04

As pessoas cultas e prudentes e que, mais do que as outras, souberam se preservar do orgulho, veem bem, à morte, que o estudo delas não lhes deu do que se prevalecerem suficientemente contra os demônios. É aí que a ciência as abandona e que elas devem abandoná-la, para acomodarem seus corações à simplicidade dos discursos e dos sentimentos daquele as assiste.

***

05

A verdadeira simplicidade é grandemente vantajosa para uma boa vida e para uma morte feliz.

***

06

É só aos bons que é preciso falar, no momento da morte, para se resignarem com a justiça divina, pois os outros não são, de forma alguma, capazes disto.

***

07

O martírio do amor não tem dor mais amarga do que a vida presente e a ausência do Bem-amado, pois, arrebatada pela beleza de Deus, que ela percebe de longe, a alma morre de desejo de morrer para vê-lo sem véu.

***

08

Embora a pessoa humilde e amorosa de Deus tenha motivos para temer sua justiça, ela não muda, no entanto, em nenhum momento. Para ela, o momento da morte é como os momentos da vida em que ela estava mais confiante e, pelo contrário, ela acusa as pessoas de grande infidelidade. Infelizmente, nossa vida não se passa bastante em miseráveis buscas do que não conhecemos, sem que seja preciso terminá-la assim, refletindo sobre nós mesmos por falta de fé amorosa e confiante?

***

09

Na hora da morte, é preciso pedir perdão o mais humildemente possível, mas simplesmente, sem exagero e nem busca de si mesmo.

***

10

A pessoa realmente humilde terá o cuidado de não exortar ou repreender no momento da morte. Ninguém deve fazer isto se não for um santo milagreiro, a não ser em particular e com alguém de particular confiança.

***

11

Embora certas pessoas cultas tenham seus caminhos conformes à boa razão, todavia, a maneira delas irem a Deus é quase apenas no sentido animal, o que as obscurece como uma grande parede colocada entre Deus e elas. É por isto que, no último momento delas, não se sabe muito bem o que lhes dizer, para não excedê-las em seus caminhos, que elas não ousariam deixar, por medo de se perderem. É preciso então se acomodar o melhor possível à capacidade delas.

***

12

Se o religioso sofre seu purgatório na ordem religiosa por amor, por que ele temeria sua longa detenção no

purgatório após a morte? E se ele for um amoroso de Deus, como ele não exaltaria sua justiça para com ele mesmo em todos os acontecimentos, assim como sua misericórdia?

***

13

Pode-se gemer suave e humildemente perante Deus nas vivas dores e nas fortes doenças, pois, quem poderá suportar a pressão da poderosa mão de Deus sem gemer e sem mesmo gritar fortemente se a dor for aguda?

***

14

Todos nós só chegamos à ordem religiosa para morrermos bem.

***

15

Desconfiar de Deus e do seu amor no momento da morte seria cometer uma grande injúria à sua infinita misericórdia.

***

16

Estão grandemente enganados os doentes que, sob o pretexto de suas enfermidades, acreditam ser a vontade de Deus que eles se joguem inteiramente na recreação dos sentidos e da natureza.

***

17

A alegria dos doentes deve estar no mais profundo do espírito, onde só Deus habita e onde eles devem ser muito felizes e muito contentes em sua impotência.

***

18

Há três maneiras de se reconstituir na doença, conforme as três vidas do espírito. A primeira é ativa e espiritual, a segunda é avançada e a terceira é perfeita. Na primeira, se reconstitui nas desolações, segundo a natureza, para um fim sobrenatural que é Deus. Na segunda, os avançados se reconstituem sobrenaturalmente, quanto à matéria das reconstituições, no próprio Deus. Por fim, os perfeitos se reconstituem sobrenaturalmente de uma maneira incomparável.

***

19

Sendo as pessoas frágeis como são, elas não conseguiriam, quando estão doentes, ficar atentas a outra coisa que não fosse seus males e a buscar a libertação deles. O doente que tivesse uma emoção e um desejo contrários seria grandemente de se admirar, como cheio do espírito de Deus.

***

20

O que fazemos enquanto estamos com saúde, se não é nos enferrujar e nos contaminar, como o ferro que não é colocado em uso.

***

21

O que um doente não pode fazer com uma eficaz e vigorosa conversa com Deus, seu mal faz por ele, se ele o suporta alegremente, segundo o puríssimo espírito.

***

22

As misérias às quais o pecado nos escravizou são os juros que pagamos pelo prazer que dele tiramos, mas a miséria das misérias é ignorar esta verdade e não se considerar miserável no meio de misérias.

***

23

O castigo e o amor paterno são a mesma coisa aos olhos de Deus.

***

24

As misérias do corpo nos são dadas para curar as da alma e as da alma, para nos curar inteiros.

***

25

Eu só gostaria de filosofar sobre as misérias humanas, pois isto é totalmente pleno de segredos.

***

26

Ser exercitado por Deus com doenças e aflições é incomparavelmente melhor, para a expiação dos nossos pecados, do que todos os exercícios juntos realizados por nós mesmos, por causa do império absoluto de Deus sobre sua criatura e do nada desta, da sua indignidade e dos seus pecados.

***

27

Haverá sempre religiosos que serão, para os outros, modelos e espelhos de paciência e de amor nas tribulações, nas angústias e nas doenças. Alguns ficam neste exercício laborioso e penoso por todo o resto de suas vidas, o que eles não conseguiriam estimar o suficiente.

***

28

Os mais perfeitos religiosos são como que esfomeados por tribulações e sofrimentos.

***

29

É próprio das grandes almas abandonarem o que está atrás delas e voarem para as coisas da frente. Se questionarmos o que está diante delas, devemos acreditar que não é puramente a glória que esperamos da misericórdia de Deus. É nosso Salvador sofrendo, crucificado, moribundo e a viva e contínua representação de sua vida divina e humana em todos nós.

***

30

O doente deve, no momento da morte, se deixar ser lembrado a Deus por seus irmãos, por qualquer pessoa. Ele não deve se deixar abater sob o peso do mal. É preciso que ele seja totalmente simples de coração e sem propriedades do apetite.

***

31

O momento da morte é um momento de total renúncia a si mesmo. É sobretudo então que se deve temer as próprias buscas mais do que o inferno e ser sem querer e não querer.

***

32

No momento da morte, só se deve resistir à tentação através do desprezo e de atos de fé, de esperança e de caridade.

***

33

É preciso que o doente tentado no momento da morte se apoie na esperança e desconfie dele mesmo. Ele não deve falar com ele mesmo e nem com o diabo, mas somente com Deus, lhe apresentando seu presente perigo e sua necessidade.

***

34

Quando o doente estiver livre, que se ele se ocupe com Deus, através de colóquios afetuosos e quando ele estiver reduzido às profundas angústias e às desolações interiores, que ele se sirva do escudo da fé, da esperança e da caridade.

***

35

Que o doente tenha menos medo da justiça de Deus do que confiança em sua bondade, pois a misericórdia de Deus parece estar nele e ser dele e a justiça, em nós, por causa dos nossos pecados.

***

36

Que o doente saiba que há muito mais consolação em se resignar com a divina justiça do que em se abandonar à sua misericórdia. Esta parece estar na pessoa pensativa e apegada ao seu próprio bem. Assim, é prática dos cristãos comuns, na angústia da última hora, se abandonarem à misericórdia de Deus. Mas a resignação com a divina justiça parece não ter nada de humano. Ao se resignar assim, só se reflete sobre a grandeza e sobre a glória infinita de Deus, para lhe satisfazer a qualquer preço que seja.

Índice